



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

**ESTUDO DE SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS DE PEQUENO PORTE DO
BAIXO RIO AGUAPEÍ**

Orientanda: Diana Mirela da Silva Toso

Orientadora: Neide Barrocá Faccio

Presidente Prudente, SP

Dezembro, 2018



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
CAMPUS DE PRESIDENTE PRUDENTE

Trabalho de monografia apresentado ao Departamento de Geografia para obtenção do título de bacharel em Geografia Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciência e Tecnologia campus Presidente Prudente. Discente: Diana Mirela da Silva Toso. Orientadora: Dra. Neide Barrocá Faccio.

Presidente Prudente, SP

Dezembro, 2018

*À minha família,
Com vocês meu caminho se fortaleceu
e tudo tornou-se possível.*

*Ao Thiago, meu companheiro,
o florir dessa conquista desenvolveu-se contigo!*

AGRADECIMENTOS

Dos sentimentos mais singelos e belos, a gratidão em sua força move histórias, fortalece amizades e semeia o amor.

Fortalecida pelas bênçãos que recebi ao longo desses anos e grata a essa força que chamo de Deus, esforço-me para expressar em palavras o carinho e gratidão que sinto por todas as pessoas que de diferentes formas contribuíram para a consolidação desse ciclo.

De modo especial, sem os quais tudo ficaria mais difícil, agradeço:

À minha família, por ser base e garantir com apoio e confiança, a busca por meus sonhos: Angela, minha mãe protetora, mulher forte e guerreira, fonte e inspiração de coragem, que enche meu caminho com luz. Dehon, meu pai, que em sua humildade e bondade ensinou-me a valorizar as amizades e a fé. Denise, minha irmã, que com sua cumplicidade desperta em meus dias o ânimo de seguir meus caminhos. Meus sobrinhos Isabella e Benjamim, por alegrarem meu caminhar. À vocês agradeço imensamente pela paciência e por serem firmes quando ausentei-me durante o caminho. Amo vocês!

Ao meu companheiro Thiago, por segurar em minhas mãos para dar força, por mostrar-me os encantamentos da vida, os detalhes que nos cercam, a beleza de um amanhecer, a mágica de cada estação, por vivenciarmos nosso estado de poesia. Sabes que fostes essencial para que eu pudesse alcançar esse sonho, nossas conversas inspiradoras, nosso encantamento pela Geografia e pela Arqueologia, fortaleceram-me. Nossos risos me acalmam, nossas andanças aliviam a tensão, nossas danças me divertem. Contigo, vivo as delícias da vida, desfruto as mais intensas emoções. A leveza em viver, contigo, é constante! Meus sonhos realizam-se diariamente e a completude é real. A gratidão por ti, é imensa. Amo-te!

Às amigas que se desenvolveram nessa caminhada:

Brunara, minha amiga e irmã, que desde o dia em que nos conhecemos, no primeiro ano do curso, compartilhou ao meu lado momentos de alegria, tristeza, preocupações e conquistas. Testemunhamos as transformações uma da outra, compartilhamos tantas inquietações e experiências que ajudam a fortalecer-me enquanto mulher.

Leticia, que em sua força inspirou-me a lutar pelo que penso e pelo que sou. Por despertar no dia-a-dia tantas boas risadas.

Alceu, que acompanhou-me em noites de estudo e com seu jeito de ver a vida mostrou-me o valor dos detalhes. Obrigada por chorar ao meu lado quando imaginamos, por muitas vezes, a finalização desse ciclo.

Victor Carnevali, pelas horas de boas conversas e risos, pelo constante aprendizado em nossa caminhada, pelas boas energias, pelos batuques para acompanhar os estudos que distraiam e embalavam os pensamentos.

Victor Maia, pelas incansáveis conversas cheias de luz, por motivar-me a buscar a positividade e o lado bom das coisas.

Guilherme, pela companhia nas tarefas difíceis que escolhemos durante a graduação, por contribuir com meu crescimento.

Barbara, pelas horas de conversas que guiadas por inquietações intensas ajudaram-me a perceber como é importante nos fortalecer e buscar nossas essências.

Hélio, pela força e ajuda inesperada durante momentos difíceis nessa trajetória.

À vocês amigas e amigos, desejo que a inquietude pelo conhecer seja constante, que sejam força e resistência nessa sociedade, que desfrutem de cada momento dessa vida e encontrem no exercício de viver a imensidão de ser e existir. Acredite em si mesmos, meu maior aprendizado ao lado de vocês foi que podemos e devemos lutar pelo que acreditamos.

Agradeço aos colegas de turma, “Turma Geo57”, por compartilharmos bons debates, aprendizados e experiências de vida.

Às professoras e professores que ao longo desses cinco anos, apresentaram-me tantas formas de olhar o mundo.

Ao Mariano e a Isabel, agradeço pelas grandes conversas e reflexões durante esses anos, são para mim grandes professores.

Ao Barone, professor que nesse último semestre ajudou-me em aula com grandes reflexões.

À família LAG (Laboratório de Arqueologia Guarani e Estudos da Paisagem), agradeço-os por partilharmos nossos aprendizados no dia-a-dia, Beatriz Rodrigues, Paula, Beatriz Mercedes, Vitor, Karol, Laura, Matheus, Larissa, Carol Paixão, Cintia, Graza e Nikele.

À Juliana Luz, pela ajuda durante esses anos na escrita, na organização das ideias e nos incansáveis debates.

Ao Eduardo, por logo de início apresentar-me a variedade de práticas possíveis nesse laboratório, incluindo o restauro e a reconstituição de peças.

Ao Hiuri, pelo grande aprendizado de práticas de campo.

Ao David, Gabriel e André pelas conversas inquietantes, pelas ideias compartilhadas, por contribuírem grandemente com meu encantamento pela Geografia e Arqueologia.

À Julia e ao Gustavo Luis, pela companhia nas longas tardes de estudo, por proporcionarem tantos risos durante esses dias. São muito especiais para mim.

Ao Gustavo Andrade, pelas caronas, por ser parceiro nas correrias do dia a dia.

À Professora Neide, por encorajar-me nessa caminhada, por proporcionar durante esses anos grandes aprendizados, por acreditar no potencial de cada aluna e aluno que passam pelo laboratório. Agradeço-te pelas portas que abriu para minha vida acadêmica, sem sua orientação, seus conselhos e força, não seria possível a realização desse sonho.

À vocês laguianos desejo que o caminho do conhecimento seja inspirador, que nosso encantamento pelo que fazemos continue produzindo bons frutos.

Ao Centro Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo incentivo a pesquisa e a FCT/UNESP por ser a porta de entrada para que eu entendesse um pouco mais sobre o mundo.

À todas e todos minha eterna gratidão!

a distância entre ti e o horizonte é relativa à sua maneira de olhar, sua postura e posição. Acalme-se e contemple os múltiplos caminhos que podem nos aproximar do horizonte. Seja grata por cada detalhe desses caminhos, entenda que o horizonte é apenas uma referência para sua orientação e que a vida se passa na trajetória e não na linha de chegada. É necessário fazer com que cada instante seja significativo, é necessário aprender com o compasso do respirar

Diana Toso, 14/07/2018

RESUMO

O presente estudo voltou-se ao estudo de Sítios Arqueológicos de Pequeno Porte do Baixo Rio Aguapeí, tendo como objeto para estudo de caso o Sítio Arqueológico Aldeia I, localizado no município de Junqueiropolis, SP. O estudo foi realizado pelo viés do conceito de paisagem, subsidiado pelas contribuições teóricas da Geografia Cultural. O Sítio Arqueológico Aldeia I, configurou-se como um sítio arqueológico de pequeno porte, constituído por materiais cerâmicos característico do Sistema Regional de Ocupação Guarani do Estado de São Paulo. O presente estudo permitiu identificarmos a importância de sítios com essas características no contexto dos assentamentos Guarani no Estado de São Paulo, bem como defender o aprofundamento e continuação de estudos com esse caráter, associados a extensão do conhecimento acadêmico para a comunidade por meio da Educação Patrimonial.

Palavras-chave: Sítios Arqueológicos de Pequeno Porte, Sistema Regional de Ocupação Guarani, Sítio Arqueológico Aldeia I.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Tronco linguístico Tupi, com destaque para a família Tupi-Guarani	20
Figura 2: Modelo de expansão tupi-guarani pelo território brasileiro segundo o modelo de Brochado (1989)	23
Figura 3: Arranjo Geral dos Sistemas Regionais de Povoamento Morais (1999/2000).	24
Figura 4: Área da Meso Região da Capivara e 17 sítios arqueológicos. Sendo oito de pequeno porte	33
Figura 5 Mapa de localização dos Sítios Arqueológicos e Áreas de Ocorrências Arqueológicas evidenciados no entorno do Sítio Aldeia I.	38
Figura 6: Sub-bacias da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí.	51
Figura 7: Limites da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí	52
Figura 8: Unidades litoestratigráficas da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí	52
Figura 9: Municípios da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí. Destaque para os municípios que apresentaram sítios arqueológicos cadastrados no site do IPHAN (2016)	55
Figura 10: Localização e perfil topográfico do Sítio Arqueológico Aldeia, Junqueirópolis, SP	57
Figura 11: Sítio Arqueológico Aldeia, Município de Junqueirópolis, SP	62
Figura 12: Ações do processo de produção dos artefatos cerâmicos	65
Figura 13: Motivos mínimos da cerâmica guarani dos Sítios Arqueológicos Pernilongo, Aguinha e Lagoa Seca, Iepê, SP	88

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Registros Arqueológicos evidenciados nos sítios da mesoregião da Capivara, Baixo Paranapanema, SP	34
Tabela 2: Sítios Arqueológicos de pequeno porte, Mesoregião da Capivara, Baixo Paranapanema, SP	34
Tabela 3: Distribuição das classes dos fragmentos dos Sítios Arqueológicos de pequeno porte, Mesoregião da Capivara, Baixo Paranapanema-SP	35
Tabela 4: Distribuição por classe dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Nova Palmeira, Junqueirópolis, SP	39
Tabela 5: Distribuição dos tipos de decoração dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Nova Palmeira, Junqueirópolis, SP	40
Tabela 6: Quantidade de fragmentos por Sítio Arqueológico da bacia do Rio Aguapeí resgatados em 2013	42
Tabela 7: Sítios Arqueológicos da Região dos Rios Aguapeí e Peixe	54
Tabela 8: Tipo de antiplástico dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I	66
Tabela 9: Classificação da pasta nos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I	67
Tabela 10: Variação da espessura dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I	67
Tabela 11: Tipos de tratamento de superfície identificado nos fragmentos de cerâmica do Sítio Arqueológico Aldeia I	68
Tabela 12: Tipos de decoração identificada nos fragmentos de cerâmica do Sítio Arqueológico Aldeia I	69
Tabela 13: Variação da queima nos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I	70
Tabela 14: Classe dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I	70
Tabela 15: Relação de agrupamento dos fragmentos do Sítio Aldeia I	73

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Atributos e variações para classificação de Sítios Arqueológicos	30
---	----

LISTA DE FOTOS

Fotos 1: Ribeirão Taquaruçu na área do Sítio Arqueológico Aldeia, Município de Junqueirópolis, SP	58
Fotos 2: Ribeirão Taquaruçu na área do Sítio Arqueológico Aldeia	58
Fotos 3: Ribeirão Taquaruçu na área do Sítio Arqueológico Aldeia I, Município de Junqueirópolis, SP	59
Fotos 4: Sondagens escavadas na área do Sítio Arqueológico Aldeia I, Município de Junqueirópolis, SP	60
Fotos 5 e 6: Peneiramento do sedimento retirado da sondagem realizada na área do Sítio Arqueológico Aldeia I, Município de Junqueirópolis, SP	60
Foto 7: Área do Sítio Arqueológico Aldeia I, após colheita do amendoim	61
Foto 8: Caminhamento sistemático da equipe de campo na área do Sítio Arqueológico Aldeia I	61
Foto 9: 1ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	87
Foto 10: 1ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	87
Fotos 11: 2ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	89
Foto 12: 2ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016.	89
Foto 13: 2ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	90
Foto 14: 2ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	90
Fotos 15: 3ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	91
Foto 16: 3ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016	91

INDICE

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO I: DA ARQUEOLOGIA GUARANI AO SISTEMA REGIONAL DE OCUPAÇÃO	17
1.1 Os Tupi-Guarani: estudos linguísticos	18
1.2 O Tupiguarani: estudos arqueológicos	20
1.3 Expansão dos Tupi-Guarani pelo território brasileiro	22
CAPÍTULO II: SÍTIO ARQUEOLÓGICO: CLASSIFICAÇÕES E TERMINOLOGIAS	27
2.1 Sítios de pequeno porte no Vale do Paranapanema	31
2.3 O Sítio Arqueológico Aldeia I e seu entorno	37
CAPÍTULO III: SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA I, ESTUDO DE CASO	44
3.1 Aporte teórico-metodológico para análise da paisagem	45
3.2 Caracterização	51
3.3 Análise e interpretação dos materiais arqueológicos cerâmicos	64
CAPÍTULO IV: EDUCAÇÃO PATRIMONIAL: PRÁTICAS E AÇÕES	83
4.1 Práticas e ações	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
REFERÊNCIAS	97

Sem celas, pensamentos livres, “livre dos encadeamentos da dualidade e dos enclausurados compartimentos da lógica” (MARCIANO, 2008, p. 7).

A área constituída atualmente como território brasileiro, antes da chegada dos colonizadores portugueses, foi habitada densamente por populações ameríndias. Grande parte desses povos foram dizimados pelos colonizadores portugueses – e aqueles que restaram, tem seu direito à vida ameaçado cotidianamente, expropriados com violência pelo modelo de produção atual da nossa sociedade - deixando como prova de sua existência vestígios materiais como cerâmica e artefatos líticos.

A Arqueologia como ciência social, investiga e estuda as sociedades humanas a partir de seus vestígios materiais. O estudo da Pré-História brasileira (período anterior a 1.500 d.C) busca interpretar o comportamento dos indígenas que produziram os artefatos hoje encontrados na forma de registro arqueológico, os quais testemunham costumes, cultura e a vida cotidiana de uma população.

Estudar esses registros arqueológicos é buscar compreender vidas que se perderam pela ganância do homem branco, é permitir que a história dessas vidas não sejam esquecidas.

As características do meio abiótico e biótico característico do território hoje compreendido como Brasil forneceu aos indígenas brasileiros diversas possibilidades de adaptação para a garantia de sua sobrevivência.

Prous (1991) explica que os indígenas brasileiros se adaptaram de um modo peculiar as condições ecológicas locais que, em grande parte, explicam a ausência de ‘altas civilizações’ no país como as do México e Peru, mas acrescenta que esses indígenas pré-cabralianos mostraram em alguns casos um nível elevado de complexidade social.

A Arqueologia Brasileira possui sua importância na Arqueologia Mundial a medida em que avalia a cultura rica e diversificada das diferentes populações dispersas pelo território brasileiro.

No Brasil são encontrados três tipos principais de ocupações indígenas pré-coloniais: os grupos caçadores-coletores, os pescadores do litoral (sambaquis) e os grupos ceramistas agricultores.

Os elementos mais comuns que testemunham os grupos caçadores-coletores são os materiais líticos lascados (pontas de flechas, lesmas, núcleos, raspadores) e as estruturas de combustão.

Os principais vestígios deixados pelos grupos de pescadores do litoral são os chamados sambaquis (amontoados de conchas), que testemunham uma ocupação indígena do período entre sete e dez mil anos (FACCIO et al, 2014).

Os grupos ceramistas agricultores são testemunhados pela presença de cerâmica com grande abundância no território brasileiro. Entre as ocupações mais antigas deste grupo

encontra-se os sítios da região de Santarém (PA), datadas de sete mil anos (FACCIO et al, 2014). .

O presente estudo voltou-se ao estudo de um sítio arqueológico de pequeno porte, constituído por materiais cerâmicos característicos do Sistema Regional de Ocupação Guarani. Buscamos caracterizar o sítio de pequeno porte exemplificado pelo Sítio Arqueológico Aldeia I, bem como defender o aprofundamento e continuação de estudos com esse caráter.

No primeiro capítulo trataremos do estudo dos indígenas Tupi-guarani, a partir do ponto de vista linguísticos e arqueológicos, abordando a expansão destes indígenas pelo território brasileiro, enfatizando o povoamento indígena no Oeste de São Paulo.

No segundo capítulo, apresentamos as possíveis classificações de sítios arqueológicos com base nas exigências do Instituto do Patrimônio Artístico Nacional (IPHAN), enfatizando o debate sobre a noção de sítios arqueológicos destruídos e apresentamos a denominação sítios de pequeno porte, a partir de uma análise dos estudos de Faccio (1998) e Pereira (2011), que analisaram sítios de pequeno porte, explicitando como as características ambientais interferem nas características e no tamanho dos sítios arqueológicos.

No terceiro capítulo intitulado “Sítio Aldeia I: um estudo de caso” voltamos nossa atenção para a caracterização do Sítio Aldeia I e apresentamos a análise dos fragmentos cerâmicos, bem como a classificação para o sítio analisado.

No quarto capítulo, intitulado “Educação Patrimonial”, buscou-se demonstrar a contribuição e a importância da execução da educação patrimonial para difundir o conhecimento para a comunidade em geral, bem como aproximar a universidade da população.

Por fim, apresentamos as considerações finais, com as principais reflexões e inquietações provocadas pelo presente estudo.

**CAPÍTULO I: DA ARQUEOLOGIA GUARANI AO SISTEMA REGIONAL DE
OCUPAÇÃO**

O estudo voltado para as diferentes ocupações indígenas no território brasileiro é abordado por diferentes ciências, dentre elas, por exemplo, a Arqueologia, a Antropologia e a História.

Como explicitado por Soares (2001/2002) existem limites quando tratamos de enfoques disciplinares e buscamos associar as diversas terminologias dessas ciências uma à outra, já que possuem objetos de estudo e fontes de informação diferentes e que remetem dados de um contexto temporal e espacial específicos.

Desta maneira, faz-se necessário atentar-se ao uso indiscriminado dos dados advindos da História e da antropologia para períodos muito recuados no tempo e associa-los à materiais e dados arqueológicos, pois pode-se desconsiderar e minimizar a dinâmica interna dos grupos, as diferenças entre eles, aspectos ambientais (como mudança climática, questões sociais inter e extra-grupais) (SOARES, 2001-2002).

Soares (2001-2002), explica que a Arqueologia Brasileira, especialmente a Arqueologia Guarani convergiu para três abordagens, a ecológica, a geomorfológica e a ambiental. A ecológica estaria associada a proposta de Brochado (1984), que subdividiu a Tradição Tupiguarani em subtradições Guarani e subtradições Tupi.

Já a abordagem geomorfológica, distingue o sítio pela sua implantação no relevo, são oriundos dessa abordagem a classificação “sítios lito-cerâmico colinares do interior”. Diferente da abordagem ambiental e paisagística, que considera características do meio ambiente físico-biótico e socioeconômico, associado a esta abordagem, temos o conceito de Sistema Regional de Ocupação Indígena, proposto por Moraes (1999-2000).

É este conceito que integra a região onde está localizado o sítio em estudo como pertencente ao Sistema Regional Guarani.

Para compreendê-lo apresentamos estudos a partir do ponto de vista linguístico e arqueológico, a expansão dos indígenas Guarani pelo território brasileiro até a elaboração de Sistema Regional de Ocupação proposto por MORAIS (1999/2000).

1.1 Os Tupi-Guarani: estudos linguísticos

Estudos etnográficos e estudos arqueológicos confirmam a existência de uma grande diversidade de grupos indígenas brasileiros os quais são classificados em dois troncos linguísticos, o Tronco Tupi e o Tronco Macro-Jê.

O tronco linguístico constitui-se de um conjunto de famílias linguísticas compreendidas por uma variação de línguas, mas que possuem uma língua ancestral comum,

ou seja, por meio de estudos quando se identifica muitas semelhanças entre as línguas, sugere-se que estas pertencem a uma mesma família, a qual descende de uma *proto-língua* (PEREIRA, 2011).

Segundo Noelli (1993), Karl Von den Steiner propôs o termo Tupi-Guarani para designar a grande família linguística e para ser aplicado como adjetivo a todos os elementos culturais comuns às tribos da mesma família. Sua contribuição foi difundida por Nimuendajú e Métraux, passando a ser uma designação acadêmica, para representar parentes linguísticos que foram corretamente agrupados em meados do Século XX.

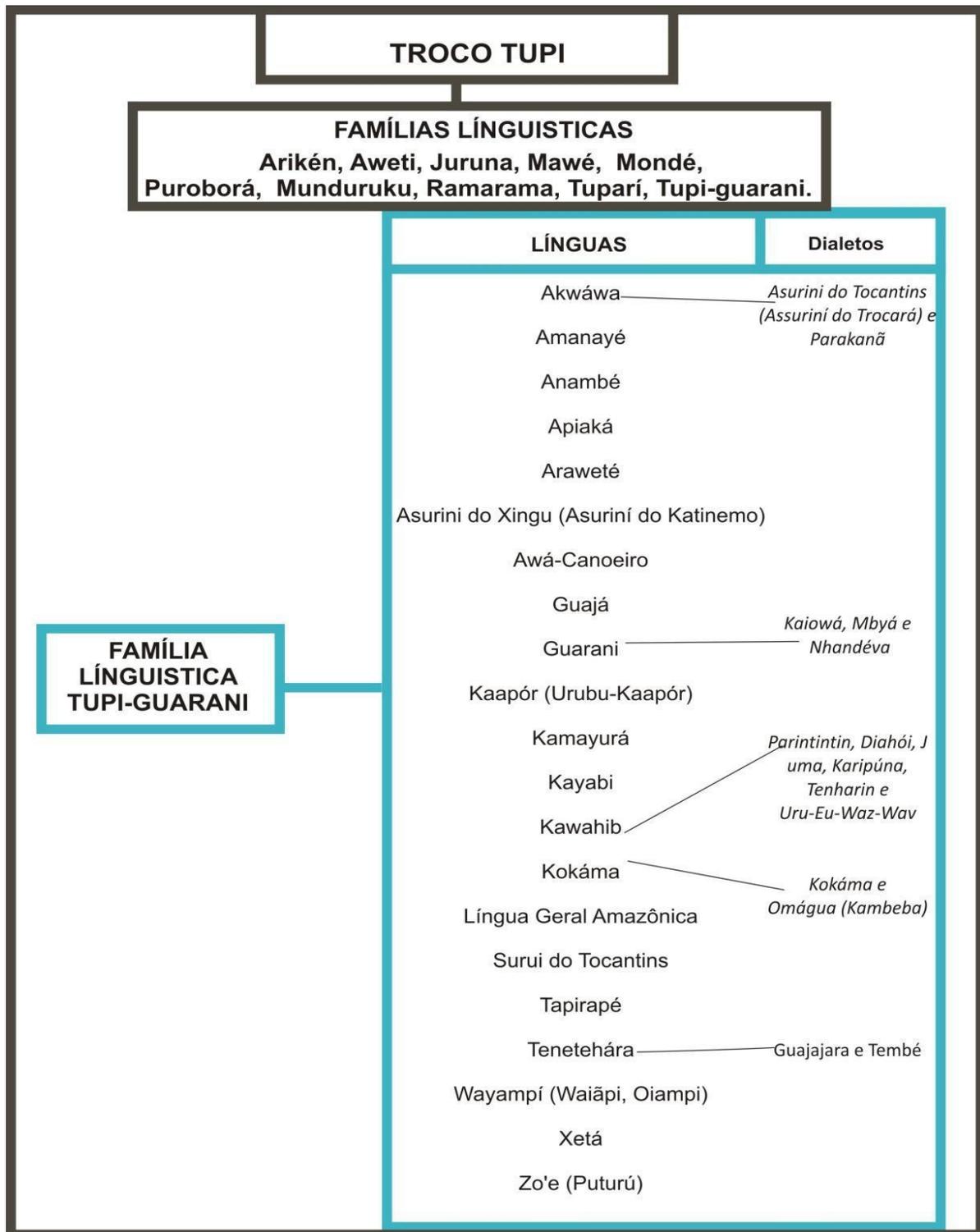
Rodrigues (1945) estudou as diferenças fonéticas entre o Tupi e o Guarani, baseando-se em Mansur Guérios propôs o primeiro modelo linguístico filogenético da evolução histórica das línguas Tupi-guarani (NOELLI, 1993).

Com a contribuição de diferentes autores, dentre os quais Rodrigues ([1958] 1964), Swadesh (1955, 1971), Lemle (1971) e Rodrigues (1945), a árvore foi aperfeiçoada e por meio da estatística-lexical estes estudos constituíram o Tronco Tupi, como um conjunto de dez famílias, que somadas atingem um total de 41 línguas aparentadas (NOELLI, 1993). Entre essas dez famílias encontra-se a família Tupi-Guarani, composta por 21 línguas aparentadas (**Figura 1**).

Outra organização por parentesco linguístico foi iniciada por Von Martius, que utilizou a metodologia de comparação entre palavras de cada língua contextualizada geograficamente, apoiada em uma discussão a respeito da velocidade das mudanças, sugerindo que as várias línguas existentes derivassem de algumas originais, a mistura entre grupos distintos implicariam em línguas derivadas (NOELLI, 1993).

Dentro da ciência arqueológica esta família linguística Tupi-Guarani está representada pela denominação “Tradição Tupiguarani”.

Figura 1: Tronco linguístico Tupi, com destaque para a família Tupi-Guarani



Fonte: Instituto Socioambiental (ISA). A autora (2017).

1.2. O Tupiguarani: estudos arqueológicos

A Arqueologia apresenta-se no Brasil a partir do Século XIX. Antes do trabalho de Peter Wilhem Lund em grutas de Lagoa Santa (MG), se tinha apenas relatos de cronistas que

apresentavam ocasionalmente a existência de restos de esteios de habitação, produção de cerâmica e uso de implementos.

Em 1818 foram criados o Museu Nacional no Rio de Janeiro, em 1893 o Museu Paulista e em 1876 o Museu Paranaense, fato que oficializou as pesquisas arqueológicas no Brasil (FACCIO et al, 2014).

A investigação arqueológica brasileira foi impulsionada em 1964 com uma investida sistemática em forma de seminário, com a duração de um mês, reunindo arqueólogos de diferentes partes do Brasil. Um dos fatos discutidos foram os processos padronizados para análise e descrição de cerâmica (BOCHADO et al, 1969), emergindo deste seminário o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), tendo como preocupação a formulação de uma infra-estrutura cronológica e uma possível compreensão da dispersão cultural dos indígenas pelo território brasileiro.

Os arqueólogos integrantes do Programa apoiaram-se no método de análise quantitativa desenvolvido principalmente por Ford (1962) para classificar os fragmentos cerâmicos, construindo sequências seriadas (BROCHADO et al, 1969). Adotaram o termo “fase” para referir-se a complexos culturais arqueológicos, sem implicações etnológicas (BROCHADO et al, 1969), ou seja, a terminologia “fase” utilizada pelo PRONAPA está associada a um grupo social, não esclarecendo tratar-se de unidade sócio-política, como tribo, subtribo ou bando.

Brochado et al (1969), explica que a ênfase dada aos fragmentos cerâmicos resulta de sua abundância e de estar sujeito a mudanças mais rápidas, sendo útil para o estabelecimento de sequências cronológicas relativas e traçar difusão cultural.

Neste sentido, a proposta sugerida pelo PRONAPA, delineou as terminologias tradição e fases arqueológicas, usando como diagnóstico o registro arqueológico cerâmico.

Vale ressaltar que não se preocupou em associação com os estudos etnológicos, mas buscaram evidenciar complexos culturais a partir do material arqueológico. Após a formulação desta classificação diversos trabalhos voltaram-se para a associação entre as evidências arqueológicas e as etnológicas.

A denominação Tradição Tupiguarani, foi dada aos fragmentos cerâmicos que apresentaram em geral pintura policrômica e decoração plástica (escovada, corrugada).

As áreas de ocorrência dessas cerâmicas estavam associadas aos locais onde estavam assentados grupos indígenas da família Tupi-Guarani, pertencente ao tronco linguístico Tupi, desta maneira agregaram essas cerâmicas semelhantes a uma única Tradição denominada Tupiguarani (sem hífen).

Brochado (1989) procurou particularizar a cerâmica de cada um dos povos que compunham as línguas do tronco tupi, sugerindo o termo subtradição. Então a Arqueologia Guarani ficou designada como *Subtradição Guarani* e para os tupi do litoral, sugeriu *Subtradição Tupinambá*, alertando que se faria necessário ainda estender a terminologia para as demais variações linguísticas, assurini, kokama, tapirapé, munduruku (BROCHADO, 1989, p. 24).

O arqueólogo Morais propôs a utilização do conceito de Sistema Regional de Povoamento, sendo este uma “coordenação entre sítios ou conjunto de sítios de certa região, demonstrando relações concomitantes por contemporaneidade, similaridade ou complementaridade” (MORAIS, 1999/2000, p. 202). Nesta proposta Morais considera quatro conceitos fundamentais, análise espacial, padrão de assentamento, sistema regional de povoamento e sistema local de sítios arqueológicos.

Morais (1999/2000) explica que o reconhecimento sistemático dos padrões espaciais dos dados arqueológicos, trata da análise espacial, que é intermediada pelo uso de mapas de distribuição de sítios ou de artefatos.

A distribuição de sítios arqueológicos em uma determinada área geográfica reflete relações entre esses homens e o meio ambiente, além das relações entre as próprias comunidades no seu contexto ambiental. As estratégias de subsistência, densidade da população e estruturas políticas e sociais, são fatores que motivam a distribuição do povoamento que desenha os padrões de assentamento.

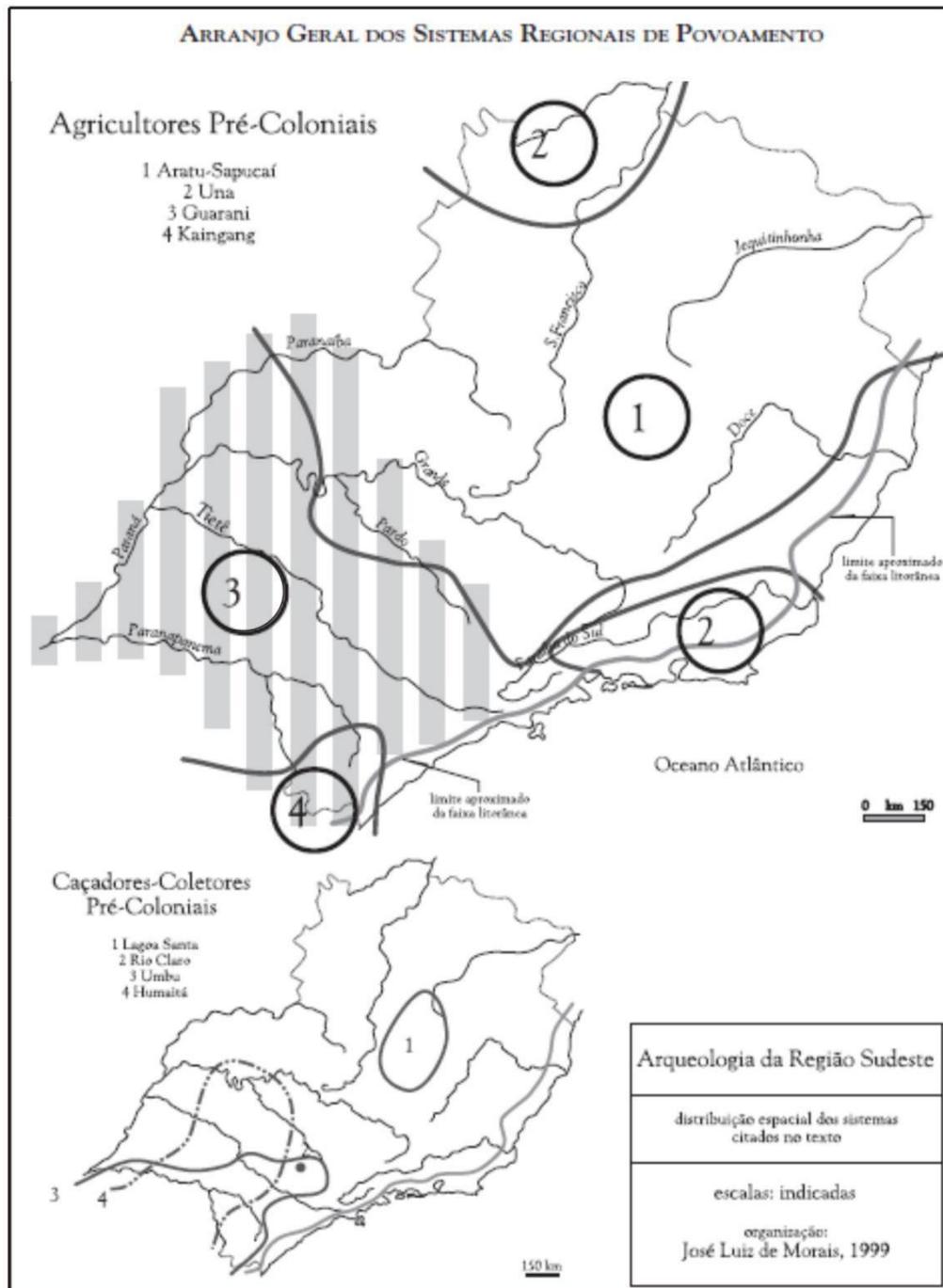
O sistema regional de povoamento, por sua vez, representa segundo Morais (1999/2000) a coordenação entre sítios de certa região, demonstrando relações concomitantes por complementaridade, ou seja, mantém uma coesão mesmo que distante. O sistema local de sítios arqueológicos constitui-se por um conjunto de sítios coordenados pela proximidade de um fator comum, como por exemplo, compartilham da mesma fonte de matéria-prima.

1.3 Expansão dos Tupi-Guarani pelo território brasileiro

Noelli (1993), explica que autores como Von Martius, Ehrenreich e Von Den Steinen propuseram centros e rotas de dispersão. Os dois primeiros acreditavam que o ponto de dispersão dos Guarani encontrava-se na drenagem do Paraguai-Paraná. Segundo Noelli (1993), seguindo esta proposta estão os autores Schmidt (1913, 1926); Garcia (1922); Rivet (1963) e Urban (1992) (NOELLI, 1993).

O território hoje compreendido como região sudeste segundo Morais (1999/2000) foi ocupado por quatro sistemas regionais de povoamento, o Aratu-Sapucai, o Una, o Guarani e o Kaingang (**Figura 3**).

Figura 3: Arranjo Geral dos Sistemas Regionais de Povoamento Morais (1999/2000)



Fonte: Morais (1999/2000).

Os Guarani segundo Morais (1999/2000) são povos da Bacia da Platina, e migraram para o Estado de São Paulo em possíveis rotas vindas do oeste.

Os vestígios desses indígenas no Estado de São Paulo foram encontrados principalmente em forma de cerâmica e manchas pretas (núcleos de solo antropogênico). Como afirma Morais (1999/2000),

[...] os traços mais importantes do registro arqueológico das aldeias guaranis são as urnas funerárias de cerâmica para enterramentos primários e os núcleos de solo antropogênico [...] estes de fato correspondem aos remanescentes de cada solo de habitação e respectivo cinturão envoltório [...] O conjunto de núcleos de solo antropogênico, entendidos comoremanescentes de uma aldeia, forma um único sítio arqueológico. (MORAIS, 1999/2000, p. 208).

Essas evidências confirmam relatos etnográficos em relação a organização das habitações dos Guarani. Tem-se que as aldeias destes povos se distribuíam distantes uma das outras. Tratavam-se de aldeias espaçosas e o sepultamento em urnas funerárias sempre ocorria na parte externa dos núcleos de solo antropogênico (MORAIS, 1999/2000).

O estudo dos Guarani foi inaugurado no Estado de São Paulo com o Projeto Paranapanema (Projpar), coordenado pela professora Pallestrini em 1968. Seu início ocorreu no Município de Piraju, SP, no qual foram evidenciadas aldeias Guarani pré-históricas, e posteriormente foi estendido para toda a Bacia do Rio Paranapanema, lado Paulista (FACCIO, 2011; MORAIS, 1999-2000).

Até então, no Estado de São Paulo, os sítios arqueológicos estudados se localizavam principalmente na região litorânea e nas margens dos rios Paranapanema e Paraná devido ao levantamento realizado nas áreas afetadas pela construção das usinas hidrelétricas.

Com a prática da arqueologia preventiva, a partir da década de 1990, quando usinas de cana-de-açúcar passaram a instalar-se no Estado de São Paulo e com a compatibilização do estudo preventivo de arqueologia com o licenciamento ambiental, regulamentada pela Portaria nº 230 de 17 de dezembro de 2002, sítios arqueológicos estão sendo encontrados em todo o interior do Estado, sítios de diferentes tipos e extensões.

Estudos voltados a compreensão desses sítios, como o Sítio Arqueológico Aldeia I, são reforçados continuamente na medida em que objetiva extrair a potencialidade deste contexto e contribuir para o conhecimento regional dessas ocupações pretéritas e o conceito de Sistema Regional de Ocupação configura-se fundamental para subsidiar esses estudos.

No entanto, identificar a coordenação entre sítios ou conjunto de sítios de certa região, demonstrar relações concomitantes por contemporaneidade, similaridade ou

complementaridade, só serão possíveis com o acúmulo de pesquisas voltadas a contextos arqueológicos similares ao apresentado pelo Sítio Arqueológico Aldeia I.

II SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS: CLASSIFICAÇÕES E TERMINOLOGIAS

Sítio arqueológico enquanto conceito é discutido academicamente na ciência arqueológica e fundamentando ações na realidade; é definido também por normativas de órgãos legais responsáveis pelo patrimônio.

No Brasil o Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), configura-se como instituição encarregada da tutela e gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro, constituída por 27 Superintendências (uma em cada Unidade Federativa), 28 Escritórios Técnicos e cinco Unidades Especiais (IPHAN, 2018).

Para o IPHAN sítios arqueológicos são parte integrante do Patrimônio Cultural Brasileiro, considerando-os como bens patrimoniais da União, apoiado na Constituição Federal de 1988, no artigo 216 e na Lei nº 3.924, de 26 de julho de 1961 (IPHAN, 2018).

Em âmbito legal, no Brasil são considerados sítios arqueológicos **os locais onde se encontram vestígios positivos de ocupação humana**, os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento, "estações" e "cerâmicos", as grutas, lapas, abrigos sob rocha e inscrições rupestres ou locais com sulcos de polimento, os sambaquis e outros vestígios de atividade humana” (IPHAN, 2018), é o Art. 2º da Lei nº3.924, de 26 de julho de 1961 que define o que é considerado bens arqueológicos e embasa tal concepção,

Art. 2º - Consideram-se monumentos arqueológicos ou pré-históricos: a) As jazidas de qualquer natureza, origem ou finalidade, que representem testemunhos da cultura dos paleoameríndios do Brasil, tais como sambaquis, montes artificiais ou tesos, poços sepulcrais, jazigos, aterrados, estearias e quaisquer outras não especificadas aqui, mas de significado idêntico, a juízo da autoridade competente; b) Os sítios nos quais se encontravam vestígios positivos de ocupação pelos paleoameríndios, tais como grutas, lapas e abrigos sob rocha; c) Os sítios identificados como cemitérios, sepulturas ou locais de pouso prolongado ou de aldeamento “estações” e “cerâmicos”, nos quais se encontram vestígios humanos de interesse arqueológico ou paleoetnográfico; d) As inscrições rupestres ou locais como sulcos de polimentos de utensílios e outros vestígios de atividade de paleoameríndios (IPHAN, 1961).

É nesse sentido que no Brasil, o conceito de sítio arqueológico está associado aos locais onde são encontrados bens arqueológicos.

Assim como há uma variedade de tipos de bens arqueológicos, há variedade de tipos de sítios, que podem ser classificados a partir de diferentes atributos, por exemplo, contexto de deposição (sítio em superfície ou em profundidade), por composição (unicomponencial ou multicomponencial) e por categoria (histórico, de contato ou pré-

colonial). Essas classificações citadas foram utilizadas pelo Centro Nacional de Arqueologia (CNA), divulgadas em um atlas arqueológico disponível no site do IPHAN.

Como explicitamos, o IPHAN encarrega-se da tutela e gestão do Patrimônio Cultural Brasileiro, e para caracterizar bem como classificar sítios arqueológicos define atributos no registro e cadastramento desses sítios.

São esses atributos, contexto de deposição, composição, categoria, exposição, função, forma, estratigrafia (quantidade de peças, espessura e profundidade por camadas arqueológicas), integridade e filiação cultural.

Para organizarmos os atributos e variações possíveis para classificação de sítios arqueológicos, sintetizamos no **Quadro 1**, os elementos considerados pelo IPHAN como fundamental no registro arqueológico.

O atributo composição refere-se a presença de um tipo ou mais de material arqueológico, por exemplo, se houver materiais cerâmicos e líticos lascados o sítio configura-se como multicomponencial, se houver apenas um tipo é unicomponencial.

A categoria associa-se ao tipo de material encontrado e seu contexto temporal, sendo possível qualificá-lo como histórico, pré-colonial ou de contato. Sítios históricos são os sítios associados a bens de natureza material com referência à memória, identidade de diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, após a chegada dos colonizadores. Sítios de contato, são aqueles que apresentam materiais arqueológicos que testemunham a interação entre os povos indígenas brasileiros e os colonizadores. Já os sítios pré-coloniais são sítios que testemunham as ocupações ameríndias.

Exposição, refere-se ao tipo de ambiente que os materiais arqueológicos estão expostos, como céu aberto, submerso, abrigo sob rocha ou gruta.

Já o atributo contexto de deposição, leva em conta a disposição vertical dos materiais arqueológicos no solo, considerando sítios de superfície aqueles que possuem os vestígios de ocupações humanas dispersos na superfície, já os considerados sítios em profundidade aqueles associados a presença de vestígios humanos em profundidade.

O atributo tipo, direciona-se a definir a função do local onde foram encontrados os materiais para as ocupações humanas que os produziram.

A forma, é uma observação apreendida pela disposição do sítio, podendo dependendo do tipo de sítio não ser delimitada.

A estratigrafia configura-se como um atributo geralmente associado a sítios em profundidade, que pode ser analisado por camadas arqueológicas, as quais devem ser descritas com a quantidade de peças encontradas e a espessura de cada camada.

Quadro 1: Atributos e variações para classificação de Sítios Arqueológicos	
ATRIBUTO	VARIAÇÕES
COMPOSIÇÃO	➤ UNICOMPONENCIAL
	➤ MULTICOMPONENCIAL
CATEGORIA	➤ PRÉ-COLONIAL
	➤ CONTATO
	➤ HISTÓRICO
ARTE RUPESTRE	➤ PINTURA
	➤ GRAVURA
	➤ AUSENTE
EXPOSIÇÃO	➤ CÉU ABERTO
	➤ ABRIGO SOB ROCHA
	➤ GRUTA
	➤ SUBMERSO
CONTEXTO DE DEPOSIÇÃO	➤ EM SUPERFÍCIE
	➤ EM PROFUNDIDADE
TIPO (ASSOCIADO A FUNÇÃO DO SÍTIO)	➤ ACAMPAMENTO
	➤ CAMINHO, ESTRADA
	➤ OFICINA
	➤ HABITAÇÃO (PERMANENTE OU INDETERMINADA)
	➤ CEMITÉRIO
	➤ OUTROS
FORMA	➤ _____
ESTRATIGRAFIA	➤ _____
INTEGRIDADE	GRAU DE INTEGRIDADE: ➤ Mais de 75%, ➤ Entre 25 e 75% ➤ Menos que 25%
	GRAU DE RELEVÂNCIA: ➤ Alta ➤ Média ➤ Baixa
	FATORES DE DESTRUIÇÃO ➤ Erosão eólica ➤ Erosão fluvial ➤ Erosão pluvial ➤ Atividades agrícolas ➤ Construção de estradas ➤ Construção de moradias ➤ Vandalismo ➤ Outros: _____
	POSSIBILIDADES DE DESTRUIÇÃO: _____ MEDIDAS PARA PRESERVAÇÃO: _____
FILIAÇÃO CULTURAL	ARTEFATOS LÍTICOS Tradições: _____ Fases: _____
	ARTEFATOS CERÂMICOS Tradições: _____ Fases: _____
	ARTE RUPESTRE Tradições: _____
	Estilos: _____

Fonte: Ficha de Registro e Cadastro de sítios arqueológicos, IPHAN. Elaboração a autora (2018).

Integridade, remete-se a noção de integridade do contexto arqueológico como algo a ser medido e definido junto a noção de relevância do sítio arqueológico bem como a ideia de destruição do contexto arqueológico, definidos como de maior ou menor grau a partir do estado das peças arqueológicas, a conservação do contexto, uso e ocupação do solo e entre outros elementos.

Por fim, a filiação cultural, que remete-se ao que chamamos de tradição arqueológica e fases arqueológicas, que seguem a tipologia do material arqueológico para classificações, como por exemplo, Tradição Tupiguarani (como apresentado no capítulo I).

Para entendermos o Sítio Arqueológico Aldeia I, centramos-nos no debate da classificação por contexto de deposição, categoria, estado de conservação e incluímos uma classificação teórica que define sítios como de grande ou pequeno porte.

Como veremos essa classificação considera a extensão, a densidade de artefatos e a proximidade de cursos d'água, bem como de fontes de matérias primas, elementos fundamentais para analisarmos o Sítio Arqueológico Aldeia I.

2.1 Sítios de Pequeno Porte no Vale do Paranapanema

Registros arqueológicos são identificados em diferentes contextos e extensões. Sítios de menor extensão, com baixa densidade de artefatos, distante de rios navegáveis, próximos a nascentes de água, córregos e/ou ribeirões, são denominados por Faccio (1998) como sítios de pequeno porte. Veremos no decorrer do capítulo que esses fatores ambientais estão relacionados ao tamanho da ocupação.

Faccio (1998) estudou oito sítios que apresentam tais características e foram caracterizados como de pequeno porte (Sítio Neves e Sítio Lima, no Município Iepê, SP; Sítio Silva, no Município de Taciba, SP; Sítio Marambaia, Sítio Figueiredo no Município de Rancharia, SP; Sítio Campinho, no Município de Florínia, SP; Sítio Graças no Distrito de Gardênia; Sítio Porto Quebra-canoa, no Município de Florínia).

O **Sítio Arqueológico Neves** está posicionado em meia-encosta, próximo ao Ribeirão Capivari e a uma nascente a noroeste do Ribeirão com presença de cascalheira. Os 143 fragmentos cerâmicos foram encontrados concentrados em área de meia-encosta (FACCIO, 1998).

O **Sítio Arqueológico Lima** está fixado em meia-encosta, próximo ao Ribeirão Água da Fábula, em suas proximidades foram identificados fonte de argila e cascalheira. Possui área de 2400 m², onde foram encontrados 71 fragmentos cerâmicos (FACCIO, 1998).

O **Sítio Arqueológico Silva**, de pequeno porte, apresentou 56 fragmentos cerâmicos dispersos em uma área de 95x100m (9500 m²), próximo a Água da Formiga e a Água do Amargoso, denominado como Sítio Silva. Detectou-se na área desse sítio um afloramento de basalto e plaquetas de arenito silicificado aptas ao lascamento. O lajedo é semelhante ao encontrado na área do Sítio Narandiba, mas na área do Sítio Silva não foram encontradas inscrições rupestres (FACCIO, 1998).

O **Sítio Marambaia** encontra-se em uma encosta próxima ao Rio Marambaia, que deságua a dois quilômetros na Água da Lagoa. O Sítio Marambaia apresentou 11 fragmentos distribuídos em uma área de 50x80 m (4000 m²) (FACCIO, 1998).

O **Sítio Figueiredo** localiza-se em meia-encosta, próximo à duas nascentes que formam o Ribeirão Água da Floresta (FACCIO, 1998).

O **Sítio Campinho** apresentou apenas cinco fragmentos cerâmicos, localizado em meia-encosta próxima a Represa de Capivara, no Rio Paranapanema, que passa na base da encosta onde se encontra a ocupação indígena (FACCIO, 1998).

O **Sítio Graças**, apresentou 32 fragmentos cerâmicos distribuídos por uma área de 60x100 m (6000 m²), em meia-encosta próxima do Ribeirão Água de Fábula e de uma nascente de água (FACCIO, 1998).

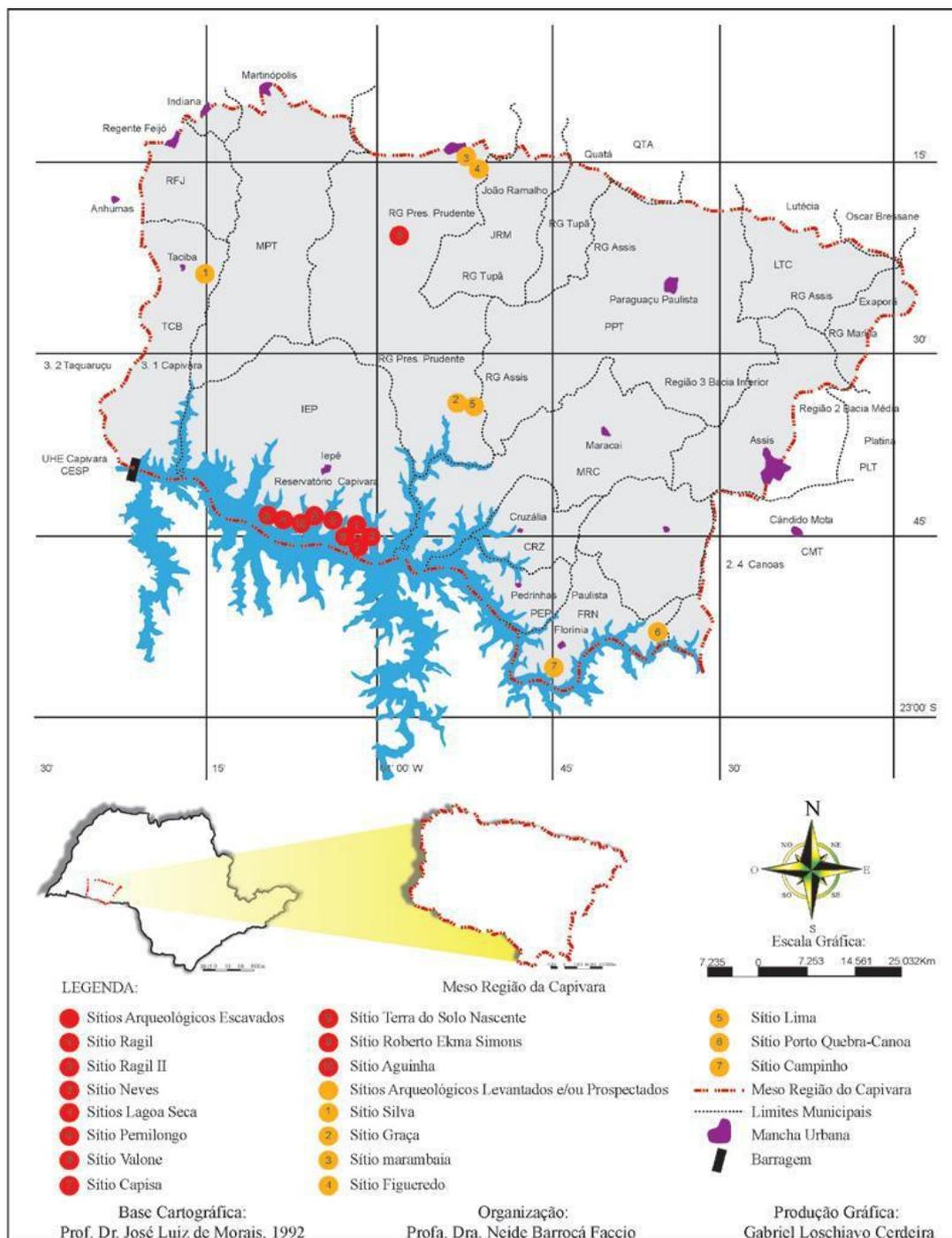
Faccio (1998) identificou a preferência dos grupos ceramistas tanto dos grandes quanto dos pequenos sítios por assentar-se em terraços ou meia encostas próximas a cascalheiras e/ou nascentes de água, selecionando no espaço unidades geográficas de acordo com suas necessidades e atividades que pretendiam desenvolver (FACCIO, 1998).

Porém, foi observado que os sítios de pequeno porte distam dos maiores cursos d'água se comparados com os de maior porte, como Faccio (1998) observa:

os sítios de menor porte trabalhados até o momento na Mesoregião da Capivara distam do córrego ou ribeirão entre 100 metros (Sítio Neves) e 180 metros (Sítio Silva) e, do Rio Paranapanema, entre 21 quilômetros (Sítio Graças) e 58 quilômetros (Sítio Marambaia). Os sítios de maior porte como Ragil e Ragil II contam com córrego ou ribeirão na área do sítio e distavam do Rio Paranapanema, antes da formação do lago da UHE da Capivara, em 2,5 e 1,25 quilômetros, respectivamente. (FACCIO, 1998, p. 266).

Observa-se que os sítios de pequeno porte estudados por Faccio (1998) estão próximos a pequenos cursos d'água (Córregos e Ribeirões), distantes dos grandes rios, e comparado aos de maior porte, que se localizam neste caso próximas a margem do Rio Paranapanema (**Figura 4**).

Figura 4: Área da Meso Região da Capivara e 17 sítios arqueológicos. Sendo oito de pequeno porte



Fonte: Faccio (2011).

Dos 17 sítios, oito são sítios de pequeno porte, dos quais sete apresentaram fragmentos cerâmicos (Sítio Neves, Lima, Silva, Marambaia, Campinho, Graças e Porto Quebra Canoa), um apresentou artefato lítico lascado e polido junto aos fragmentos cerâmicos (Sítio Neves), sendo que o lítico polido também foi encontrado em mais três dos sítios citados (Lima, Figueiredo e Campinho). Durante o trabalho de identificação o

proprietário da área onde está localizado o Sítio Arqueológico Graças relatou a existência de duas manchas pretas (núcleos de solo antropogênico, decorrentes da decomposição da matéria orgânica utilizada nas habitações) em uma área coberta por uma plantação de milho (**Tabela 1**).

Tabela 1: Registros Arqueológicos evidenciados nos sítios da mesoregião da Capivara, Baixo Paranapanema, SP.

Sítio Arqueológico	Município	Cerâmica	Polido	Lítico	Mancha Preta
Marambaia	Rancharia-SP	x			
Neves	Rancharia-SP	x	x	x	
Graças	Rancharia-SP	x			x
Lima	Rancharia-SP	x	x		
Silva	Taciba-SP	x			
Campinho	Florínia-SP	x	x		
Figueiredo	Rancharia-SP		x		
Porto Quebra-Canoa	Cândido Mota- SP	x	x		

Fonte: Faccio (1998). Elaboração a autora (2016)

A quantidade dos fragmentos cerâmicos dos sítios está relacionada na **Tabela 2**.

Tabela 2: Sítios Arqueológicos de pequeno porte, Mesoregião da Capivara, Baixo Paranapanema, SP

Sítio Arqueológico	Município	Peças
Marambaia	Rancharia, SP	11
Neves	Rancharia, SP	143
Graças	Rancharia, SP	32
Lima	Rancharia, SP	71
Silva	Taciba, SP	56
Campinho	Não Informado	5

Fonte: Faccio (1998). Elaboração: a autora (2016).

O sítio de pequeno porte analisado por Faccio que apresentou maior quantidade de fragmentos foi o Sítio Neves, localizado no Município de Iepê, SP, seguido pelo Sítio Lima, Sítio Silva, Sítio Graças, Sítio Marambaia e Sítio Campinho.

Os sítios analisados apresentaram variação de peças cerâmicas, sendo predominante os fragmentos de parede, seguidos por borda e base (**Tabela 3**).

Tabela 3: Distribuição das classes dos fragmentos dos Sítios Arqueológicos de pequeno porte, Mesoregião da Capivara, Baixo Paranapanema-SP

Sítio Arqueológico	Parede	Borda	Base	Ombro	Bolota	Borda, Parede e Base	Parede e Base	N.I
Marambaia	7	2	2	-	-	-	-	-
Neves	126	6	9	1	1	-	-	-
Graças	20	9	1	1	-	-	-	1
Lima	63	7	1	-	-	-	-	-
Silva	46	4	5	-	-	1	-	-
Campinho	2	-	-	-	-	-	-	3

Fonte: Faccio (1998). Elaboração: a autora (2016).

Destaca-se o predomínio dos fragmentos de parede, seguidos por borda, base, ombro, suporte de panela e borda com parede e base (FACCIO, 1998).

O **Sítio Marambaia** apresentou antiplástico caco moído com mineral em cinco peças e somente mineral em seis peças, com tratamento liso na face interna e externa. A decoração variou entre lisa e com engobo vermelho (FACCIO, 1998).

No **Sítio Neves** foram evidenciados registros arqueológicos em cerâmica, lítico lascado e lítico polido (FACCIO, 1998).

Das 143 peças cerâmicas do Sítio Neves, são 142 fragmentos vasilhas cerâmicas e um é um fragmento de suporte de panela. Desses fragmentos, 133 apresentaram decoração lisa, quatro decoração pintada e um decoração incisa. Todas apresentaram tratamento de superfície por alisamento, tanto na parte interna quanto na externa.

Foram encontrados também 19 artefatos líticos lascados, sendo um artefato e um fragmento de seixo em quartzo; quatro lascas (uma em calcedônia e três em arenito silicificado); treze resíduos (oito em arenito silicificado, dois em calcário silicificado, dois em sílex e um em quartzo). Faccio (1998) explica que a indústria foi confeccionada sobre seixo e sobre placas provenientes de veios de arenito silicificado intrusivo no basalto. O lítico polido foi classificado como lâmina de machado.

O **Sítio Graças** apresentou 32 fragmentos, sendo que 20 são fragmentos de parede, nove fragmentos são bordas, um ombro, uma base e uma foi classificada como não identificada. Em 25 fragmentos foi identificado o antiplástico caco moído com mineral e em sete casos apenas mineral, (FACCIO, 1998).

Em Iepê, SP, no **Sítio Lima**, foram evidenciados 71 fragmentos de cerâmica, dos quais 63 são fragmentos de parede, sete são de bordas e uma base. Em 60 peças detectou-se a presença do antiplástico mineral e em 11 o mineral e o caco moído juntos (FACCIO, 1998).

O **Sítio Silva**, apresentou 56 fragmentos de cerâmica, sendo 46 paredes, cinco bases, quatro bordas e uma peça com borda, parede e base. Desses fragmentos, dez peças apresentaram o antiplástico caco moído e mineral juntos. Identificou-se a decoração lisa em 35 fragmentos, unglado em cinco fragmentos, engobo vermelho em três fragmentos e em 13 peças não foi possível identificar a classe (FACCIO, 1998).

O **Sítio Campinho** apresentou cinco fragmentos, dois são paredes e em três não foi possível identificar a classe. As cinco peças apresentaram antiplástico mineral associado ao caco moído e alisamento na face interna e externa (FACCIO, 1998).

O estudo de Faccio (1998), permitiu enquadrar os sítios de grande e pequeno porte da Mesoregião da Capivara na Tradição Tupiguarani.

O estudo realizado por Pereira (2011) destina-se a análise e interpretação dos registros arqueológicos do Sítio Célia Maria, localizado as margens do córrego Itapiranga, situado na Bacia do Rio Santo Anastácio, localizado no topo de interflúvios que separam as Bacias do Paraná e Paranapanema. Foram estudados 4715 fragmentos cerâmicos. O sítio também apresenta características de pequeno porte.

Pereira (2011), observando as diferenças ocorridas entre sítios que apresentaram características de grande porte, com os de pequeno porte, propõe que a existência destes sítios mais afastados dos grandes rios, com baixa densidade de artefatos, pode representar que “o sistema sócio/cultural guarani definiria hierarquias de ocupação das áreas, partindo das zonas ecológicas mais favoráveis as menos favoráveis” (PEREIRA, 2011, p. 143).

Sendo assim os sítios de pequeno porte complementariam um sistema sociocultural e representam uma organização de assentamentos com base em características ambientais, juntamente com os sítios de grande e médio porte. Referindo-se aos sítios de pequeno porte, Pereira (2011) explica,

[...] podem estar associados a áreas de acampamento sazonal de atividades de roça. Essas duas áreas junto à aldeia faziam parte de um sistema de exploração ecológica, tipicamente guarani, assegurando em seu território (*tekoá*) seu domínio de influência político-espacial e melhor aproveitamento dos recursos naturais. (PEREIRA, 2011, p. 135).

Com base nestas explicitações pode ser observado que os sítios de pequeno porte analisados por Faccio (1998), assim como o Sítio Célia Maria analisado por Pereira (2011), apresentaram semelhanças no que se refere as características ambientais e indicam ocupações com população pequena e com capacidade para um curto período de tempo, ou seja indicam

ocupações sazonais, mas que podem estar associados a um sistema de exploração ecológica tipicamente Guarani, como exposto por Pereira (2011).

2.2 O Sítio Arqueológico Aldeia I e os sítios arqueológicos do entorno

O Sítio Aldeia I está localizado na sub-bacia Baixo Aguapeí, na qual foram identificados próximos ao Sítio Aldeia I nove sítios cerâmicos, que estão distribuídos em quatro municípios, sendo o Sítio Aldeia I, Aldeia II, Nova Palmeira e Areia Branca em Junqueirópolis, SP, Jaobi e Corredeira em Tupi Paulista, Córrego da Paz e Kandiri em Pacaembu e Sítio Dracena no Município de Dracena (**Figura 5**).

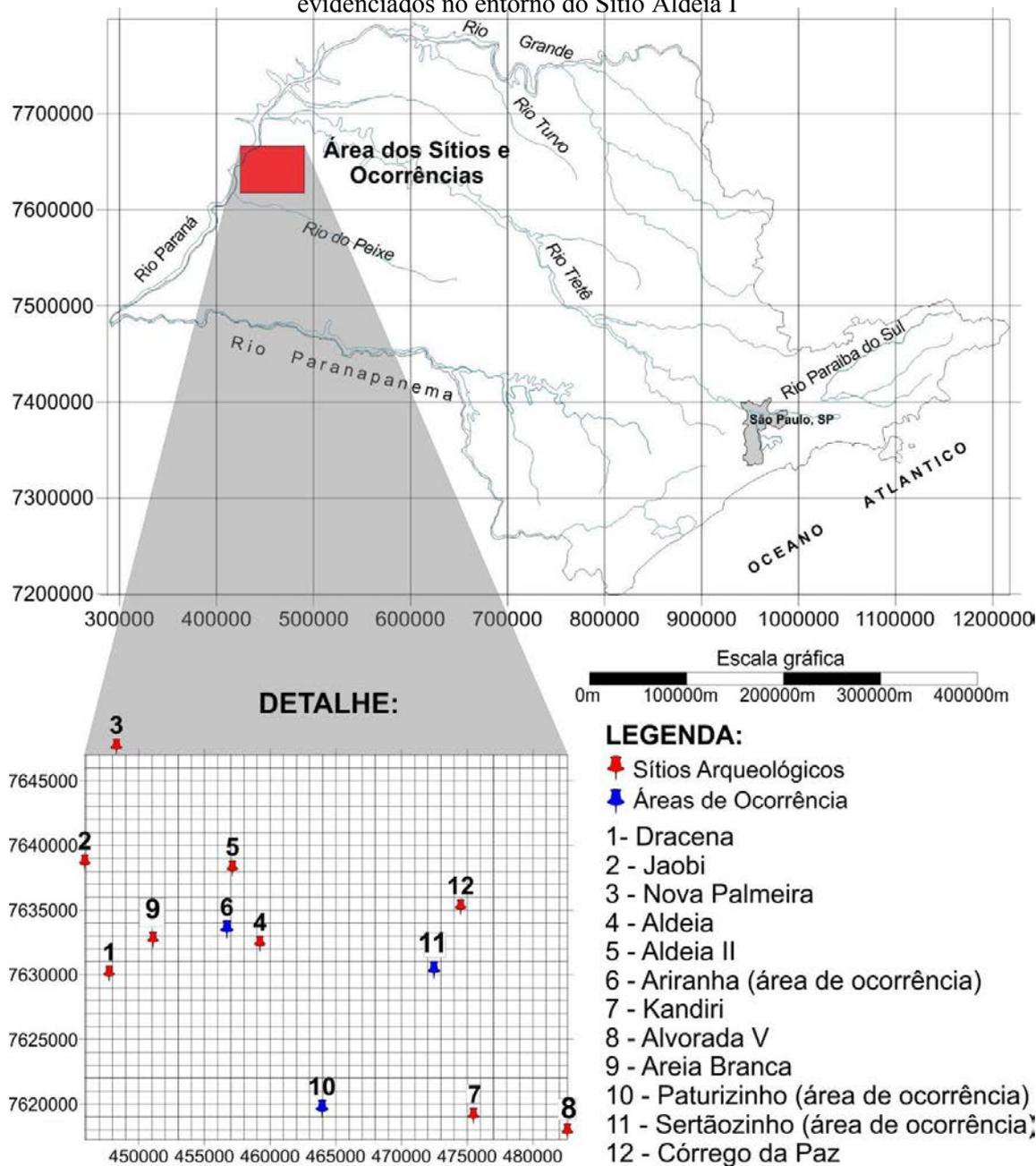
Estes sítios arqueológicos foram encontrados em 2013, junto ao Sítio Aldeia I, pela Profa. Neide Barrocá Faccio, do Laboratório de Arqueologia Guarani e estudos da paisagem da Faculdade de Ciências e Tecnologia, da Universidade Estadual Paulista (UNESP), campus de Presidente Prudente.

No município de Junqueirópolis, SP, localiza-se o Sítio Aldeia I, o Sítio Aldeia II, o Sítio Nova Palmeira e o Sítio Areia Branca.

O **Sítio Arqueológico Aldeia I** localizado em baixa vertente, próximo ao Ribeirão Taquaruçu, apresentou 38 fragmentos cerâmicos e um lítico polido.

O **Sítio Arqueológico Aldeia II** está implantado na baixa vertente de colina ampla e com declives suave, próximo ao Ribeirão Taquaruçu. A cerâmica do Sítio Aldeia II apresentou o antiplástico mineral associado ao caco moído e o antiplástico mineral. Foi identificado um aplique antropomórfico, um aplique mamilar (apêndice), 19 bases, uma base/calibrador, 34 bordas, 145 paredes, oito paredes angulares e um fragmento de parede/calibrador, totalizando 210 peças. A decoração predominante foi o tipo liso na face interna e externa (183 peças), seguida por face interna não identificada e liso na externa (oito peças), engobo na face interna e liso na externa (seis 6 peças), liso na interna e pintado na externa (cinco peças), pintado na face interna e liso na externa (quatro peças), por fim uma peça com tipo de decoração liso na interna e pseudoungulado na externa, liso na interna e apêndice na externa, liso na interna e corrugado na externa e liso na interna e não identificado na externa.

Figura 5 Mapa de localização dos Sítios Arqueológicos e Áreas de Ocorrências Arqueológicas evidenciados no entorno do Sítio Aldeia I



Fonte: Faccio et al (2013).

O **Sítio Arqueológico Nova Palmeira** configura-se como um sítio a céu aberto, localizado na propriedade rural denominada Fazenda Nossa Senhora Aparecida (G 53), no Município de Junqueirópolis, SP. O sítio foi evidenciado em uma planície, nas proximidades do Ribeirão Nova Palmeira, região da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí. Foi encontrada uma jazida de argila a 90 metros de distância da maior concentração de fragmentos do Sítio Nova Palmeira.

Entre as categorias de fragmentos cerâmicos do Sítio Nova Palmeira foram encontrados dez fragmentos de parede angular, um fragmento de borda com suporte para tampa e um fragmento de vaso conjugado (**Tabela 4**).

Tabela 4: Distribuição por classe dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Nova Palmeira, Junqueirópolis, SP.

Categoria	Quantidade de peças	%
Base	35	2,9
Bolota de argila queimada	1	0,1
Borda	220	18,1
Borda com suporte para tampa	1	0,1
Calibrador	28	2,3
Fragmento de colher	1	0,1
Fragmento de vaso conjugado	1	0,1
Parede	919	75,6
Parede angular	10	0,8
Total	1216	100

Fonte: Faccio et al (2013). Elaboração: a autora (2016).

A decoração dos fragmentos do sítio Nova Palmeira se apresentou diversificada (18 variações), predominando o tipo liso na face interna e externa, seguido pelo tipo liso na interna com pintado na face externa. (**Tabela 5**)

O **Sítio Arqueológico Areia Branca** está localizado próximo a uma nascente na planície alagadiça do Ribeirão Nova Palmeira. É um sítio com pequena densidade de material arqueológico. Foram encontrados cinco líticos lascados no resgate e dois fragmentos cerâmicos.

O **Sítio Aldeia I** ocupa a baixa vertente, próximo ao Ribeirão Taquaruçu, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí. O solo na área é caracterizado pela qualidade homogênea, de tipo arenoso a areno-argiloso, bruno a bruno avermelhado, médio.

No Município de Tupi Paulista, SP, foram encontrados dois sítios arqueológicos, o Sítio Jaobi e o Sítio Corredeira. O **Sítio Arqueológico Jaobi**, está em uma planície, nas proximidades do Ribeirão Nova Palmeira. Deste sítio foram estudados 42 fragmentos de cerâmica. Apresentou, em todos os casos, antiplástico mineral associado ao caco moído. O tipo de decoração predominante foi o liso na face interna e externa. O **Sítio Arqueológico**

Corredeira, apresentou apenas um fragmento de borda, a qual possui decoração tipo liso tanto na face interna quanto na externa.

Tabela 5: Distribuição dos tipos de decoração dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Nova Palmeira, Junqueirópolis, SP.

Tipo interno/ externo	Qtd. de peças	%	Tipo interno/ externo	Qtd. de peças	%
Engobo branco/Pintado	1	0,1	Liso/ Pseudungulado	1	0,1
Engobo branco/ Liso	1	0,1	Liso/ Ponteadado	2	0,2
Engobo vermelho/ Liso	1	0,1	Liso/ Serrungulado	6	0,5
Engobo vermelho/ E. vermelho	1	0,1	Liso/ Corrugado	24	2,0
Liso/ Engobo branco	3	0,2	Não identificado/ Liso	2	0,2
Liso/ Entalhado	1	0,1	Pintado/ Liso	105	9
Liso/ Inciso	4	0,3	Pintado/ Pintado	9	0,7
Liso/ Não Identificado	10	0,8	Liso/ Pintado	106	9
Liso/ Não Identificado	11	0,9	Liso/ Liso	928	76
Total de peças: 1216					

Fonte: Faccio et al (2013). Elaboração: a autora (2016).

Em Pacaembu, SP, foi evidenciado o **Sítio Arqueológico Córrego da Paz**, que está localizado em uma planície nas proximidades do Córrego da Paz. Este sítio apresentou 38 fragmentos dos quais 33 são paredes, 4 são base e um é uma borda. A decoração predominante nos fragmentos deste sítio foi o tipo liso tanto na face externa quanto na face interna (31 peças), seguida por engobo branco na face interna e liso na externa (4 peças), liso na interna com face externa não identificada (2 peças) e por fim liso na interna com engobo branco na externa (1 peça). Houve o predomínio do uso do antiplástico mineral associado ao caco moído (87%). Porém, em alguns casos, utilizou-se somente o antiplástico mineral (13%). Na área do Sítio Arqueológico Córrego da Paz, foi evidenciado dois líticos, lascados na forma de núcleo. As quais possuem como suporte o seixo e as matérias-primas são o silixito e quartzito.

O **Sítio Arqueológico Kandiri**, está fixado em uma planície situada a menos de 100 metros do Ribeirão Iracema, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí. As cerâmicas

encontradas são em sua maior parte parede (57 peças), seguidos por base (12 peças) e borda (sete peças). Foi identificado um fragmento de lâmina de machado semilunar, característica de índios do Grupo Jê, da etnia Kaingang ou Kraô. Apresentou dois tipos de decoração, o tipo liso e o tipo pintado. Sendo 69 peças liso interno e externo, 5 liso na face interna e pintado na face externa. Diante das características apresentadas pelo material lítico polido e pela cerâmica, é possível que o Sítio Kandiri possa estar associado a Tradição Itararé, ou seja, ao Sistema Regional de Ocupação Kaingang, proposto por Morais (FACCIO et al, 2013, p. 310).

No Município de Dracena está localizado o **Sítio Arqueológico Dracena** com baixa densidade artefactual, apresentando 16 fragmentos de cerâmica lisa, com antiplástico mineral associado ao caco moído e espessura de parede, que variou de 1,2 a 1,6 centímetros (FACCIO et al, 2013, p. 321). O sítio está implantado na média-baixa vertente de uma colina.

No Município de Flórida Paulista, SP, encontra-se o **Sítio Arqueológico Alvorada V**, encontrado em área de plantio de cana-de-açúcar, em uma planície nas proximidades do Rio Aguapeí. Foram encontrados materiais líticos lascados. Todos os materiais tiveram como suporte o seixo e suas matérias-primas foram identificadas como silexito, quartzito e quartzito leitoso.

As áreas dos sítios arqueológicos apresentaram impactos causados pelo uso de maquinários agrícolas pesados, utilizados para o preparo do solo para o cultivo e transporte da cana-de-açúcar (Faccio et al, 2013).

Os sítios foram caracterizados como Tradição Tupiguarani, exceto o Sítio Kandiri que apresentou características semelhantes a Tradição Itararé no material lítico polido e na cerâmica.

O Sítio Nova Palmeira apresenta a maior quantidade de fragmentos cerâmicos com 1216 peças, seguido por Aldeia II (210 peças), Kandiri (76 peças), Jaobi (42 fragmentos), Aldeia I e Córrego da Paz com 38 peças, Dracena com 16, areia branca com duas peças e Corredeira com apenas uma (**Tabela 6**).

Os sítios localizam-se em áreas de encosta e meia-encosta, apresentando em suas proximidades pequenos cursos d'água, nascentes e cascalheiras.

Constata-se que os tipos cerâmicos encontrados na área do Sítio Aldeia I, nos demais sítios, assim como os sítios estudados por Faccio (1998) e Pereira (2011), são característicos da Tradição arqueológica Tupiguarani.

Tabela 6: Quantidade de fragmentos por Sítio Arqueológico da bacia do Rio Aguapeí resgatados em 2013

Sítios Arqueológicos	Quantidade de peças
Sítio Arqueológico Nova Palmeira	1216
Sítio Arqueológico Aldeia II	210
Sítio Arqueológico Kandiri	76
Sítio Arqueológico Jaobi	42
Sítio Arqueológico Aldeia	38
Sítio Arqueológico Córrego da Paz	38
Sítio Arqueológico Dracena	16
Sítio Arqueológico Areia Branca	2
Sítio Arqueológico Corredeira	1

Fonte: Faccio et al (2013). Elaboração: a autora (2016).

Observa-se que o Sítio Aldeia I assim como os sítios resgatados em sua proximidade na Bacia do Rio Aguapeí e do Peixe compartilham semelhanças com características identificadas nos sítios de pequeno porte na área do Rio Paranapanema, afinal os sítios identificados no resgate estão localizados em áreas de encosta e meia-encosta, próximos de pequenos cursos d'água e com fonte de matéria-prima em suas proximidades, porém as condições sugerem tratar-se de áreas usadas temporariamente, tendo em vista as condições oferecidas nas proximidades dos maiores rios como o Paraná e o Paranapanema sugerem assentamentos maiores com capacidade de assentar uma grande população indígena.

Pereira (2011), com base nos estudos de Pallestrini (1968-69), Morais (1979;1986), Pallestrini e Morais (1984, 1988) e Faccio (1998; 2011), analisa as diferenciações geográficas relacionadas a implantação dos assentamentos no espaço, destacando que os sítios do Alto-Médio Paranapanema se localizaram em relevos colinares, no topo ou meia-encosta, com cursos d'água na base ou em suas proximidades. Já os sítios do Baixo Paranapanema apresentaram-se em sua maior parte nas margens do Rio Paranapanema, em terraços fluviais, com solo de alta fertilidade (devido a decomposição do basalto, oriundo da formação geológica serra geral), em média-baixa vertente, próximos a lagos e nascentes com presença de depósitos de argila.

Como explicado, os sítios de pequeno porte distam dos rios navegáveis em maior distância que os identificados com maior densidade de artefatos. O Sítio Aldeia I caracteriza-se como de pequeno porte por essas características, assim como os sítios de seu entorno.

Esses elementos sugerem que tratam-se de sítios com ocupação sazonal e como explicado por Pereira (2011), embasado nas interpretações de Brochado (1989), Lathrap (1975), Noelli (1993, 1999-2000) e Soares (1997), a localização destes sítios sugerem que estes grupos foram impulsionados a procurar novas terras aptas ao sistema de reprodução cultural ao qual pertenciam, devido aos seguintes fatores: alta produtividade agrícola, que possibilitou o aumento demográfico, privilégios de lideranças de famílias extensa por um líder e acirramento entre lideranças que ocasionavam desmembramentos.

Neste sentido, os sítios localizados nessas áreas com características ecológicas pertinentes a acampamentos menores e com ocupação de curto período de tempo é resultante de uma organização sociocultural destes indígenas, afinal distam dos grandes assentamentos, mas carregam um sistema cultural, reproduzindo-o em novas áreas, que são escolhidas também com base nesse sistema, ou seja, mesmo com características ecológicas diferentes, procuravam uma área que apresentasse ao menos a garantia de reprodução de alguns de seus conhecimentos, como terra fértil para plantio, fonte de matéria prima, córrego ou ribeirão para acesso a água e prática da pesca por exemplo.

Em suma, analisando a localização dos sítios arqueológicos resgatados junto ao Sítio Aldeia I e os sítios estudados pelos autores citados, reforçam a preferência dos grupos indígenas que ocuparam essas diferentes áreas para terraços ou meia encostas próximas a fontes de matéria-prima (rochas, argila, cascalheiras) e/ou nascentes de água. Elementos que garantiam a permanência dos grupos que se assentavam nessas áreas por um período de tempo.

CAPÍTULO III: SÍTIO ALDEIA I: UM ESTUDO DE CASO

3.1. Aporte teórico e metodológico para o estudo da paisagem

Buscamos durante o estudo do Sítio Arqueológico Aldeia I compreender os elementos da paisagem, baseando-se em estudos da Geografia Cultural. Este subcampo da Geografia analisa a dimensão espacial da cultura.

Essa perspectiva de análise da paisagem, foi impulsionada por Carl Sauer, na Escola de Berkeley nos Estados Unidos, escola esta que privilegiou cinco temas principais (cultura, paisagem cultural, áreas culturais, história da cultura e ecologia cultural).

Sauer (1931), explica que a Geografia Cultural se interessa, pelas obras humanas inscritas na superfície terrestre, pretéritas ou atuais, que imprimem uma expressão característica.

Explica ainda que o geógrafo mapeia a distribuição das marcas que estendem e expressam a presença do ser humano, agrupando-as em associações genéticas, descrevendo-as desde a origem e sintetiza-as em sistemas comparativos de áreas culturais, sendo a Geografia uma ciência de observação que utiliza a habilidade na observação de campo e na representação cartográfica.

A Geografia Cultural nesta vertente baseia-se em um método historicista, que utiliza-se de dados históricos encontrados também no campo, para a reconstrução das condições anteriores de povoamento, do uso do solo e de comunicação, quer se trate de testemunhos escritos como de testemunhos arqueológicos ou filológicos. Tendo como objetivo imediato os dados obtidos na descrição explicativa dos fatos de ocupação da área considerada.

Houve, porém diversas críticas acerca da concepção de cultura adotada por Sauer e seus seguidores; foi considerada como uma visão supraorgânica e culturalista, por conceber a cultura como algo exterior aos indivíduos de um dado grupo social, sem considerar as contradições que envolvem conflitos e mudanças.

A partir da segunda metade da década de 1970, verificou-se na Geografia Cultural uma significativa mudança, um processo de renovação sustentado em outras referências teóricas e metodológicas.

Uma vertente da Geografia Cultural é influenciada por aportes das filosofias dos significados, do materialismo histórico dialético e das humanidades em geral. A outra mantém a tradição saueriana e o legado vidalino incorporando os temas tradicionais,

ampliando o temário, submetendo-os a uma nova leitura e agregando outros até então estranhos à Geografia Cultural (CORRÊA; ROSENDHAL, 2014).

De acordo com Corrêa e Rosendhal (2014), agora a cultura diz respeito às coisas correntes, comuns, apreendidas na vida cotidiana, no seio da família e no ambiente local, ou seja, estudos da Geografia Cultural buscam dar inteligibilidade à ação humana sobre a superfície terrestre, considerando a dimensão material da cultura e a dimensão não material, o presente e o passado, os objetos e as ações em diferentes escalas, os aspectos concebidos e os vivenciados, os espontâneos e os planejados, os objetivos e os intersubjetivos, aspectos estes que possuem significados e são parte integrante da espacialidade humana, assim unem-se em torno da geografia (CORRÊA; ROSENDHAL, 2014).

Estes aspectos fazem parte da cultura, que da capacidade de os seres humanos se comunicarem entre si por meio de símbolos, assim em outras palavras a Geografia Cultural estuda a distribuição, no tempo e no espaço, de culturas e elementos das culturas, como afirma Wagner e Mikesell (1962),

[...] a Geografia Cultural compara a distribuição variável das áreas culturais com a distribuição de outros aspectos da superfície da Terra, visando a identificar aspectos ambientais característicos de uma determinada cultura e, se possível, descobrir que papel a ação humana desempenha ou desempenhou na criação e manutenção de determinados aspectos geográficos (WAGNER; MIKESSELL, 1962, p. 28).

A ação humana cria desta maneira formas espaciais, gerando paisagens culturais, sendo estas repletas de significados, como explica Corrêa e Rosendhal (2014), as formas espaciais criadas pela ação humana geram paisagens culturais impregnadas de significados.

A paisagem segundo Wagner e Mikesell (1962), trata-se de uma associação típica de características geográficas concretas em qualquer subdivisão espacial da superfície terrestre, sendo a paisagem cultural o conteúdo geográfico de uma determinada área, um complexo geográfico de determinada área ou um complexo geográfico de um certo tipo, no qual são manifestas as escolhas feitas e as mudanças realizadas pelos homens enquanto membros de uma comunidade cultural.

Durante o estudo da paisagem cultural busca-se diferenças na paisagem que possam ser atribuídas a diferenças de conduta humana sob diferentes culturas.

Pode-se dizer ainda que a paisagem cultural é um produto concreto e característico da interação complicada entre uma determinada comunidade humana, abrangendo certas preferências e potenciais, e um conjunto particular de circunstâncias naturais. Buscando compreender um modo de vida e processos de mudança geográfica (WAGNER; MIKESELL, 1962).

Ao analisar a paisagem devemos considerar que existe um processo cumulativo, ou seja a paisagem tem uma história. Desta maneira precisamos recorrer aos meios que possibilitam a descoberta de sequências na ocupação de uma área por diferentes grupos e de possíveis conexões desses grupos à pessoas de outras áreas que apresentam características similares, indicando conexões no passado e evidenciando relações culturais e contatos. Referindo-se a esses meios Wagner e Mikesell (1962) explicam,

Documentos, topônimos (nome ou expressão usado para nomear um lugar) ou outra evidência linguística, são meios que possibilitam a descoberta de sequências na ocupação de uma área por diferentes grupos e podem conectar estes grupos a pessoas em outras áreas que apresentam características similares. Podem ser interpretados a partir destes conexões no passado que evidenciam relações culturais e contatos. Na arqueologia por meio do registro arqueológico o geógrafo cultural pode expandir esse registro para incluir fatos possíveis relacionados aos meios ambientes de culturas antigas. (WAGNER e MIKESELL, 1962, p. 40)

Estes meios são considerados principalmente pelo tema história da cultura, um dos temas principais da Geografia Cultural, segundo Wagner e Mikesell (1962) este tema procura descobrir quatro tipos de fatos: a origem, no tempo e lugar, de determinadas características culturais; as rotas, épocas e modos de disseminação; a distribuição de áreas culturais anteriores; as características das paisagens culturais anteriores.

Como sabemos que a Arqueologia recorre aos registros materiais de grupos sociais para discutir sobre costumes, técnicas e organizações, os autores Wagner e Mikesell (1962), explicam que esta ciência é capaz de reconstruir a evolução das técnicas e da organização das próprias sociedades.

Ao analisarmos as paisagens culturais do passado, se estas apresentarem a possibilidade de ser reconstruídas, fornecerão um indicador valioso para áreas culturais, possibilitando identificar e descrever quaisquer dos processos que ajudaram a criar uma

paisagem, especialmente aqueles processos nos quais a interferência humana está envolvida, precisamos conhecer a sequência de condições antecedentes (WAGNER E MIKESELL, 1962).

Ao considerar que o estudo da paisagem cultural considera os atores e as ações que elaboraram e continuam a elaborar as paisagens, o tema ecologia cultural outro importante tema para a Geografia Cultural, trata-se de uma aplicação do modo científico de pensar o processo envolvido numa sequência de eventos, comparando os dados observáveis, examinando as possíveis associações entre práticas conhecidas e os tipos de ações humanas que estão ligadas ao desenvolvimento da paisagem, para verificar as características da paisagem cultural que podem contribuir para a identificação das condições requisitadas ou necessárias de um determinado processo, ou seja busca identificar as condições necessárias para produzir um determinado fenômeno (WAGNER; MIKESELL, 1962).

Outro tema significativo para a Geografia Cultural é a área cultural, que é reconhecida e delimitada a partir de uma investigação sobre a distribuição passada e presente de características da cultura, ou seja as áreas culturais que são “territórios habitados, em qualquer período determinado, por comunidades humanas caracterizadas por culturas específicas” (WAGNER; MIKESELL, 1962).

Esclarecendo aspectos deste subcampo da ciência geográfica e os temas base da Geografia Cultural (paisagem cultural, história da cultura, ecologia cultural e área cultura), podemos perceber que este segmento teórico busca esclarecer a espacialidade das ações humanas sob a superfície terrestre, considerando a existência de um processo cumulativo, ou seja, existe um processo de ocupação no decorrer da história. É possível desta forma a visualização de paisagens que expressam ao pesquisador ricas informações sobre os diferentes grupos sociais que ali materializavam seus costumes, suas crenças e suas técnicas por exemplo.

Desta maneira, como geógrafos podemos identificar padrões de organização espacial. Isto se torna possível a medida que estudos locais revelam informações sobre determinado grupo social; e isto organizado em mapas de distribuições e densidades, por exemplo, revelam arranjos e padrões ordenados.

A ciência arqueológica por sua vez, ao investigar os materiais que testemunham grupos sociais, contribui para este estudo geográfico cultural, a medida que este último preocupa-se com as práticas e ações dos grupos sociais sob a superfície terrestre.

Com base em Claval (2004) ao analisarmos uma paisagem precisamos além de descrever minuciosamente o que esta nos revela sobre o grupo social que a produziu,

precisamos compreender as relações complexas que se estabelecem entre os indivíduos e os grupos, o ambiente que eles transformam e as identidades que ali nascem ou se desenvolvem (CLAVAL, 2004), considerando que a paisagem é uma obra das ações humanas juntamente com as forças naturais.

A paisagem do Sítio Arqueológico Aldeia I nos revela de imediato a produção de cana-de-açúcar em larga escala, comum à organização social baseada em um sistema capitalista, apoiado na produção do agronegócio que relaciona-se com a natureza a considerando como recurso natural.

Ao encontrarmos materiais cerâmicos, que são testemunhos de uma ocupação indígena, identificamos na mesma paisagem indícios de uma cultura e organização social diferente da revelada pela plantação anteriormente descrita.

A prática de cultivo de cana-de-açúcar ao utilizar máquinas agrícolas para manejo do solo fragmentou os materiais cerâmicos e modificou a distribuição dos vestígios arqueológicos.

Um estudo aprofundado sobre a distribuição dos vestígios para possível visualização da organização espacial da população indígena tornou-se impossível, devido à movimentação tanto vertical, quanto horizontal das cerâmicas.

Porém, como veremos aspectos ambientais observados na paisagem como a distância de rios navegáveis, pequenos córregos, ribeirões, lagoas e/ou nascentes de água e fontes de matéria-prima, relacionam-se diretamente com o tamanho do sítio arqueológico, expressando relações entre o grupo humano que habitou a área em passado pretérito com o ambiente.

Sítios de extensão pequena com baixa densidade de artefatos encontram-se distantes de rios navegáveis como o Rio Paranapanema e o Rio Paraná, encontrando-se próximos a fontes de matéria-prima para confecção de artefatos cerâmicos e nascentes d'água como apresentado no capítulo anterior, foram denominados por Faccio (1998) como sítios de pequeno porte.

Claval (2004) com base em Brunet (1992) esclarece que a paisagem é um conjunto de indícios que diz muito sobre a sociedade que a produziu e se revela a quem sabe olhar. Tendo paisagem como a obra dos homens e das forças naturais, evidencia que se a esquecermos, erraremos e perderemos uma dimensão do mundo.

Consideramos que a paisagem enquanto conceito polissêmico nos proporciona uma apreensão sensível da realidade. Ela própria, é um artefato repleto de temporalidade, capaz de conectar, pelo olhar, toque e vivência em campo, o presente e o passado; arqueologia e geografia; natureza e cultura.

A paisagem, como a concebemos teoricamente no trabalho em tela, rompe dicotomias para que possamos, no exercício da pesquisa, tentarmos nos aproximar dessa realidade.

3.2. Caracterização

O Sítio Arqueológico Aldeia I está localizado na Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí, precisamente na sub-bacia Baixo Aguapeí (**Figura 6**), sendo a primeira limitada ao norte pelo Baixo Tietê e Tietê da Batalha, ao sul pela Bacia do Rio do Peixe e Médio Paranapanema (**Figura 7**).

Figura 6: Sub-bacias da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí.



Fonte: Faccio et al (2013).

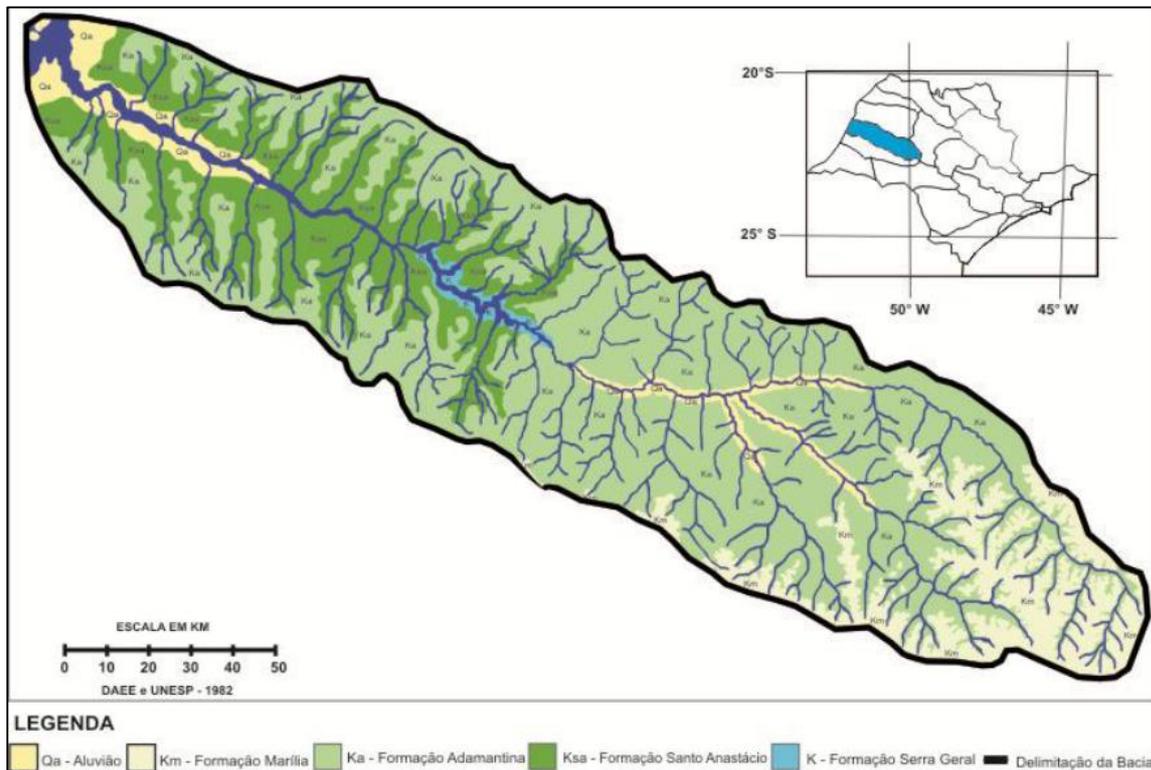
A Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí está localizada na Bacia Sedimentar do Paraná. Quanto ao seu substrato, é constituído por rochas cretáceas (Formação Santo Anástácio, Adamantina, Marília e basaltos da Formação Serra Geral), recobertos em áreas de deposição por sedimentos quarternários, sob a forma de depósitos aluviais (planícies atuais e terraços), mantos coluviais e regolitos espessos em pedimentos mais bem preservados (PORTO ET AL, 2013), como podemos observar na **Figura 8**.

Figura 7: Limites da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí



Fonte: Faccio et al (2013).

Figura 8: Unidades litoestratigráficas da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí



Fonte: Porto et al (2013).

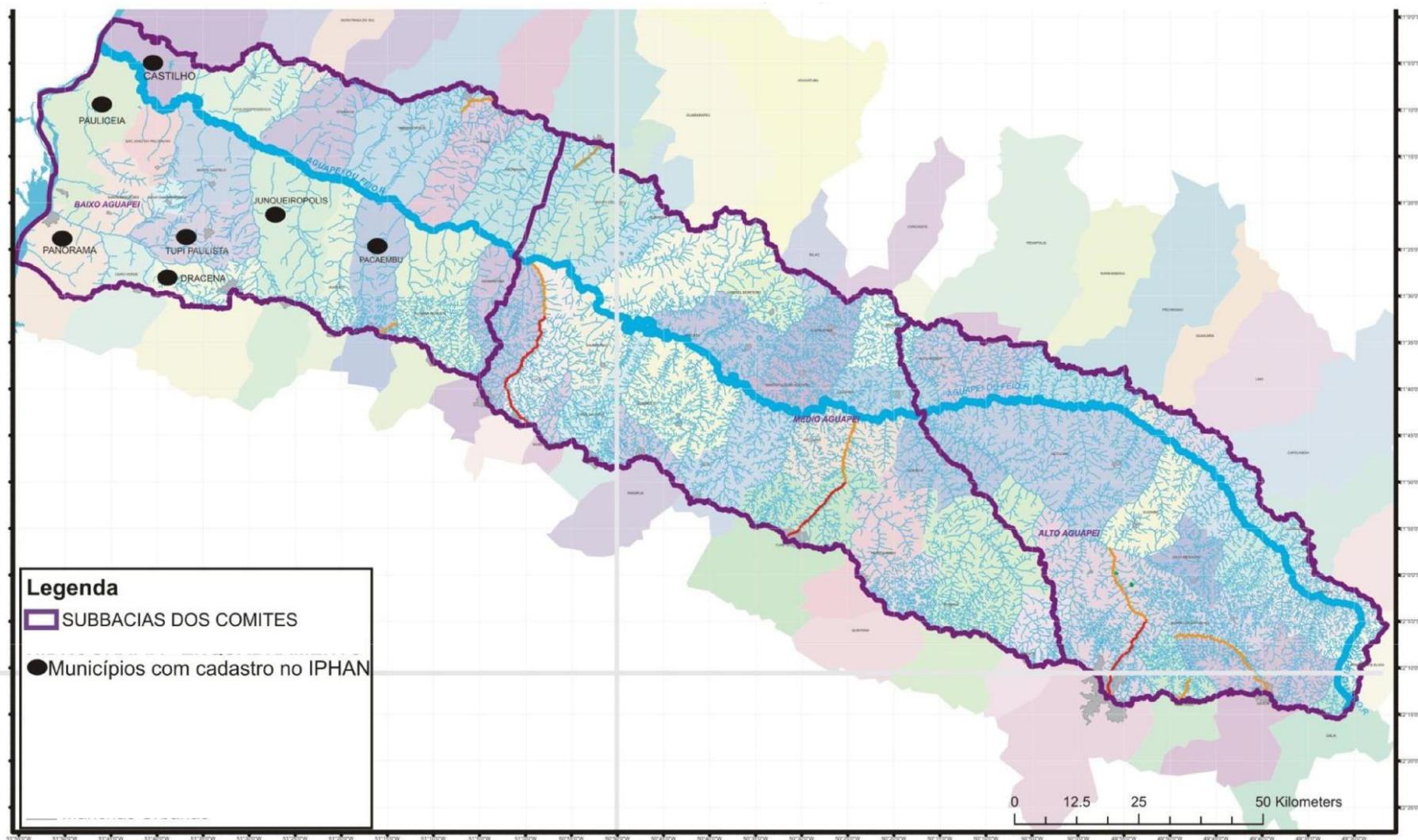
O relevo da área onde está localizado o Sítio Arqueológico Aldeia I, configura-se predominantemente por colinas amplas, caracterizadas por topos extensos e aplainados, vertentes com perfis retilíneos e convexos (COMITÊ DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS AGUAPEÍ E PEIXE, 1997).

Quanto ao contexto arqueológico, constatamos no registro de cadastramento do IPHAN que na Sub-bacia Hidrográfica Baixo Aguapeí, registram-se 52 sítios arqueológicos, sendo que 12 sítios apresentaram fragmentos cerâmicos (unicomponencial), 23 sítios apontaram peças líticas (unicomponencial), 17 sítios demonstraram artefatos líticos e cerâmicos (multicomponencial). Para organizar as informações desses sítios elaboramos a **Tabela 7** e para destacar os municípios que possuem sítios arqueológicos em seu território elaboramos a **Figura 9**.

Tabela 7: Sítios Arqueológicos da Região dos Rios Aguapeí e Peixe					
Sítio Arqueológico	Tipo de Sítio	Pesquisador	Sítio Arqueológico	Tipo de Sítio	Pesquisador
Aldeia, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Patativa, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Dracena, Dracena-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Periquito, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Alvorada V, Flórida Paulista-SP	Lítico	Neide B. Faccio	Três Pontes, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Aldeia II, Junqueirópolis-SP	Lito-cerâmico	Neide B. Faccio	Tuim, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Nova Palmeira, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Catatau, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Areia Branca, Junqueirópolis-SP	Lito-cerâmico	Neide B. Faccio	Codorna, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Alvorada, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Gralha, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Alvorada II, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Paturi, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Alvorada III, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Tacha, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Alvorada IV, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Tico Tico, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Macaco, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Macuco, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Aliança, Junqueirópolis-SP	Lito-cerâmico	Neide B. Faccio	Xororó, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Cutia, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Pomba, Paulicéia-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Anta, Junqueirópolis-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Pintassilgo, Paulicéia-SP	Comolítico	Rosângela C. C. Thomaz
Córrego da Paz, Pacaembu-SP	Lito-cerâmico	Neide B. Faccio	Miudinho, Castilho-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Kandiri, Pacaembu-SP	Lito-cerâmico	Neide B. Faccio	Maguari, Castilho-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Panorama, Panorama-SP	Lítico	Neide B. Faccio	João de Barro, Castilho-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Andorinha, Panorama-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Rendeira, Castilho-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Pinhê, Panorama-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Chorão, Castilho-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Siriema, Panorama-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Rolinha, Castilho-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Aracari, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Risadinha, Castilho-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Barraqueiro, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Fruxu, Castilho-SP	Lito-cerâmico	Rosângela C. C. Thomaz
Cará-Cará, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Alegrinho, Castilho-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Corrupião, Paulicéia-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz	Chopim, Castilho-SP	Lito-cerâmico	Leonice Bigoni Perozzi
Garrãzinho, Paulicéia-SP	Lítico	Kunzli, R. e Thomaz R. C. C.	Araponga, Panorama-SP	Lítico	Rosângela C. C. Thomaz
Corredeira, Tupi Paulista-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio	Jaobi, Tupi Paulista-SP	Cerâmico	Neide B. Faccio

Fonte: IPHAN. Elaboração da autora (2018)

Figura 9: Municípios da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí. Destaque para os municípios que apresentaram sítios arqueológicos cadastrados no site do IPHAN (2016)



Fonte da base cartográfica: CETESP.
Fonte de dados: IPHAN (2016).
Editado pela autora.

O Sítio Arqueológico Aldeia I encontra-se, em área de baixa vertente, posição esta que em relação ao relevo é uma das características dos assentamentos Guarani destacados por Faccio (1992, 1998 e 2011) bem como por Moraes (1999/2000).

A **Figura 10** apresenta a localização do sítio arqueológico em relação ao curso d'água mais próximo e o perfil topográfico do sítio. Podemos perceber na **Figura 10**, que o entorno é marcado pelo plantio de cana-de-açúcar, são poucas as espécies arbóreas e, por meio do perfil topográfico, observamos que a vertente onde está localizado configura-se como retilínea.

O **Sítio Aldeia I** dista do Rio Paraná em 50 quilômetros e 12,5 quilômetros do Rio Aguapeí, aproximando-se do Ribeirão Taquaruçu em torno de 200 m.

O Ribeirão Taquaruçu, curso d'água mais próximo da área, trata-se de um curso d'água assoreado, devido às práticas agrícolas e de pastoreio, ocorridas ao longo de décadas no seu entorno.

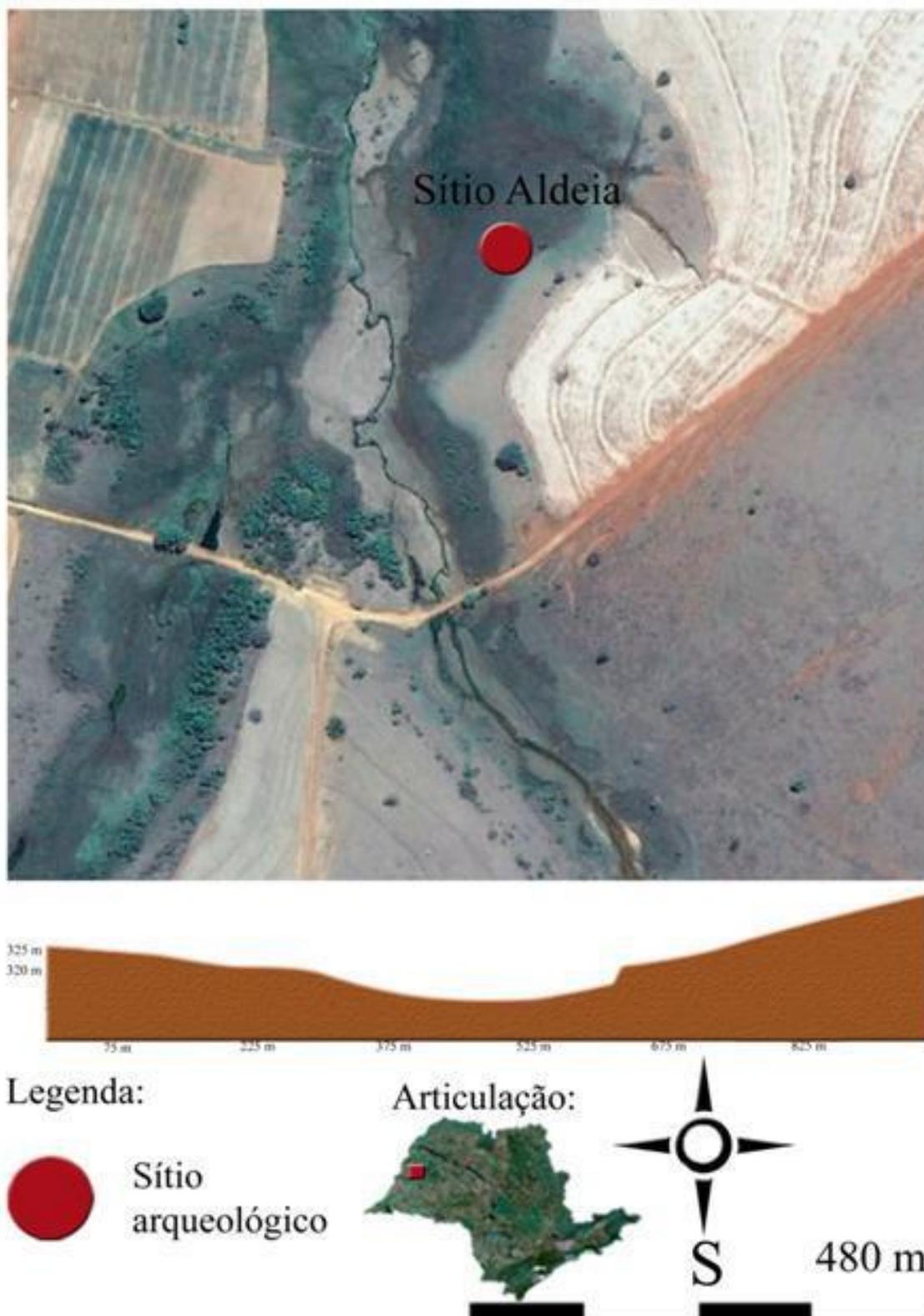
Além dessas práticas verifica-se ausência da mata de galeria que agrava a conservação do Ribeirão Taquaruçu (**Fotos 1, 2 e 3**).

Ao fundo da **Foto 1** observa-se a plantação de cana-de-açúcar e à sua frente nota-se poucas árvores.

Na **Foto 2** identifica-se o processo de assoreamento do curso d'água, ocasionado pelo depósito de sedimentos vindos da montante da colina onde encontra-se a plantação de cana-de-açúcar. Estes sedimentos são transportados pela água da chuva e pelo vento. Este processo ocorre em ambientes degradados, caracterizados por baixa densidade de vegetação e solo exposto.

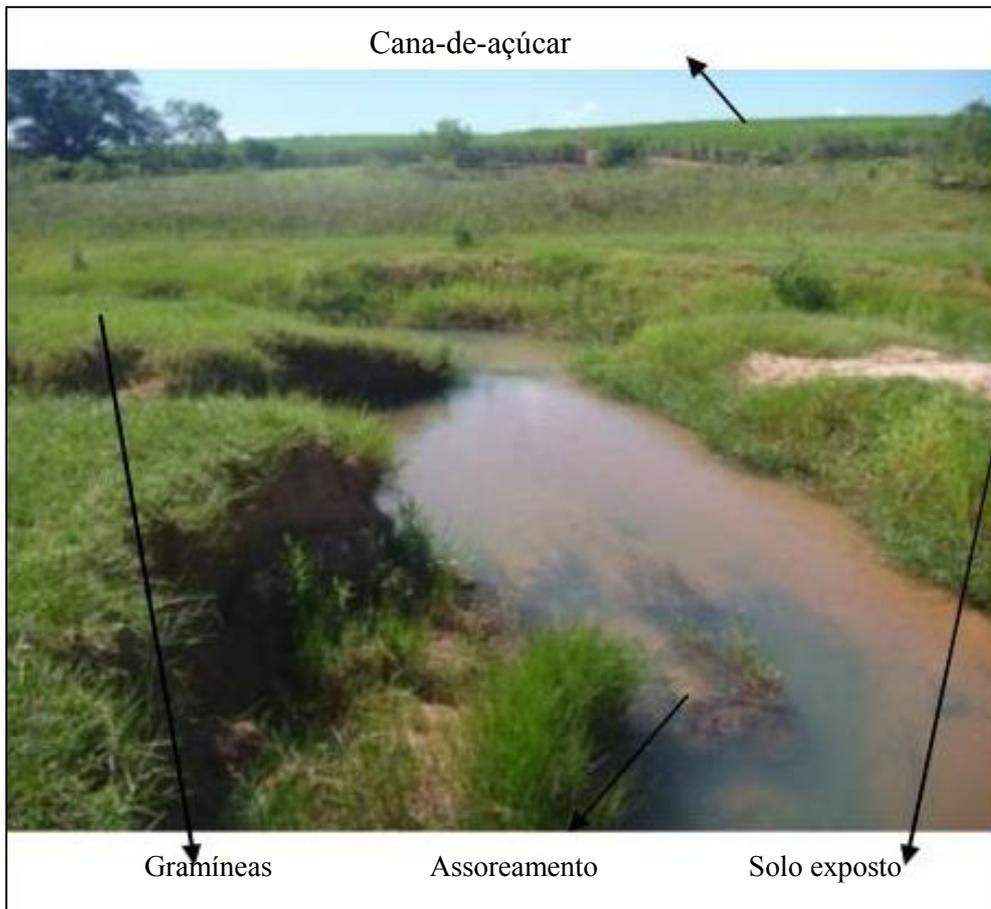
Podemos perceber com a **Foto 3** que o Ribeirão Taquaruçu trata-se de um curso d'água assoreado, com baixa vazão. Ao fundo da imagem no canto esquerdo encontra-se algumas espécies arbóreas.

Figura 10: Localização e perfil topográfico do Sítio Arqueológico Aldeia, Junqueirópolis, SP



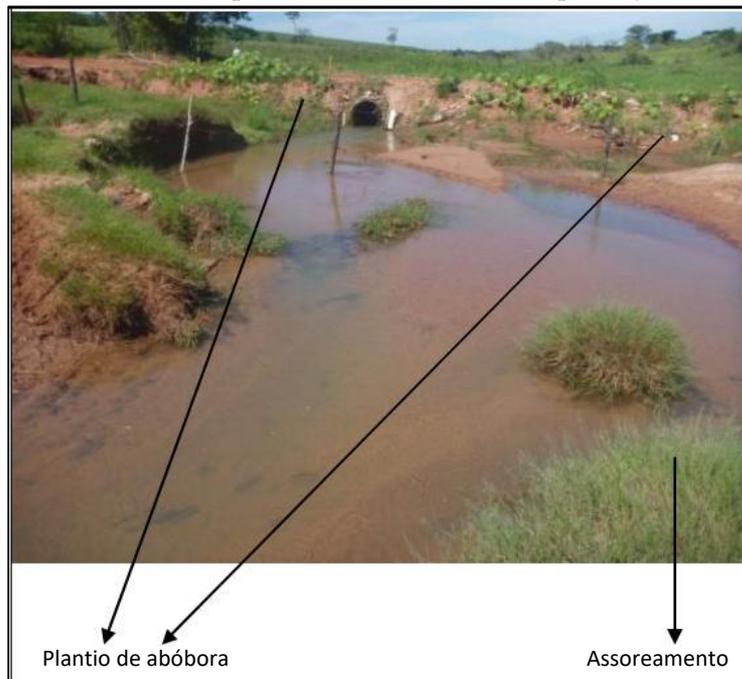
Fonte: Faccio et al (2013).

Fotos 1: Ribeirão Taquaruçu na área do Sítio Arqueológico Aldeia, Município de Junqueirópolis, SP



Fonte: Faccio et al (2013). A autora (2018).

Fotos 2: Ribeirão Taquaruçu na área do Sítio Arqueológico Aldeia I



Fonte: Faccio et al (2013). A autora (2018).

Fotos 3: Ribeirão Taquaruçu na área do Sítio Arqueológico Aldeia I, Município de Junqueirópolis, SP.



Fonte: Faccio et al (2013).

Podemos observar nas fotos que a vegetação predominante no entorno do Ribeirão são as heliófilas (pioneiras), vegetação que ocupa áreas degradadas e aceitam radiação solar direta. A espécie mais visível nas fotos apresentadas são as gramíneas. Como relatado por Faccio et al (2013), o sítio encontra-se em avançado grau de destruição o que reflete os impactos causados pelo cultivo da cana-de-açúcar.

Faccio et al (2013), relata o predomínio dos Argissolos Vermelho-Amarelos (PVA) e Latossolos Vermelhos (LVA). Os Latossolos são os solos de maior ocorrência, normalmente apresentam textura média e caráter álico. São solos bem evoluídos, em avançado estado de intemperização e com baixa capacidade de trocas de cátions.

Os Argissolos (P) são solos constituídos por material mineral de textura média ou arenosa com fração de argila com baixa atividade de drenagem lenta, fato que juntamente com a declividade do terreno e falta de vegetação, faz com que os solos tornem-se mais suscetíveis a erosão. As **Fotos 4, 5 e 6**, apresentam etapas do trabalho de campo realizado na área do Sítio Aldeia I e evidenciam os solos presentes na área.

Fotos 4: Sondagens escavadas na área do Sítio Arqueológico Aldeia I, Município de Junqueirópolis, SP.



Fonte: Faccio et al (2013).

Fotos 5 e 6: Peneiramento do sedimento retirado da sondagem realizada na área do Sítio Arqueológico Aldeia I, Município de Junqueirópolis, SP



Fonte: Faccio et al (2013).

A **Foto 7** apresenta a área do sítio arqueológico após colheita de amendoim, e a **Foto 8** mostra o caminhamento sistemático realizado na área pela equipe de campo, etapa essa para identificação de peças arqueológicas em superfície.

Foto 7: Área do Sítio Arqueológico Aldeia I, após colheita do amendoim



Fonte: Faccio et al (2013).

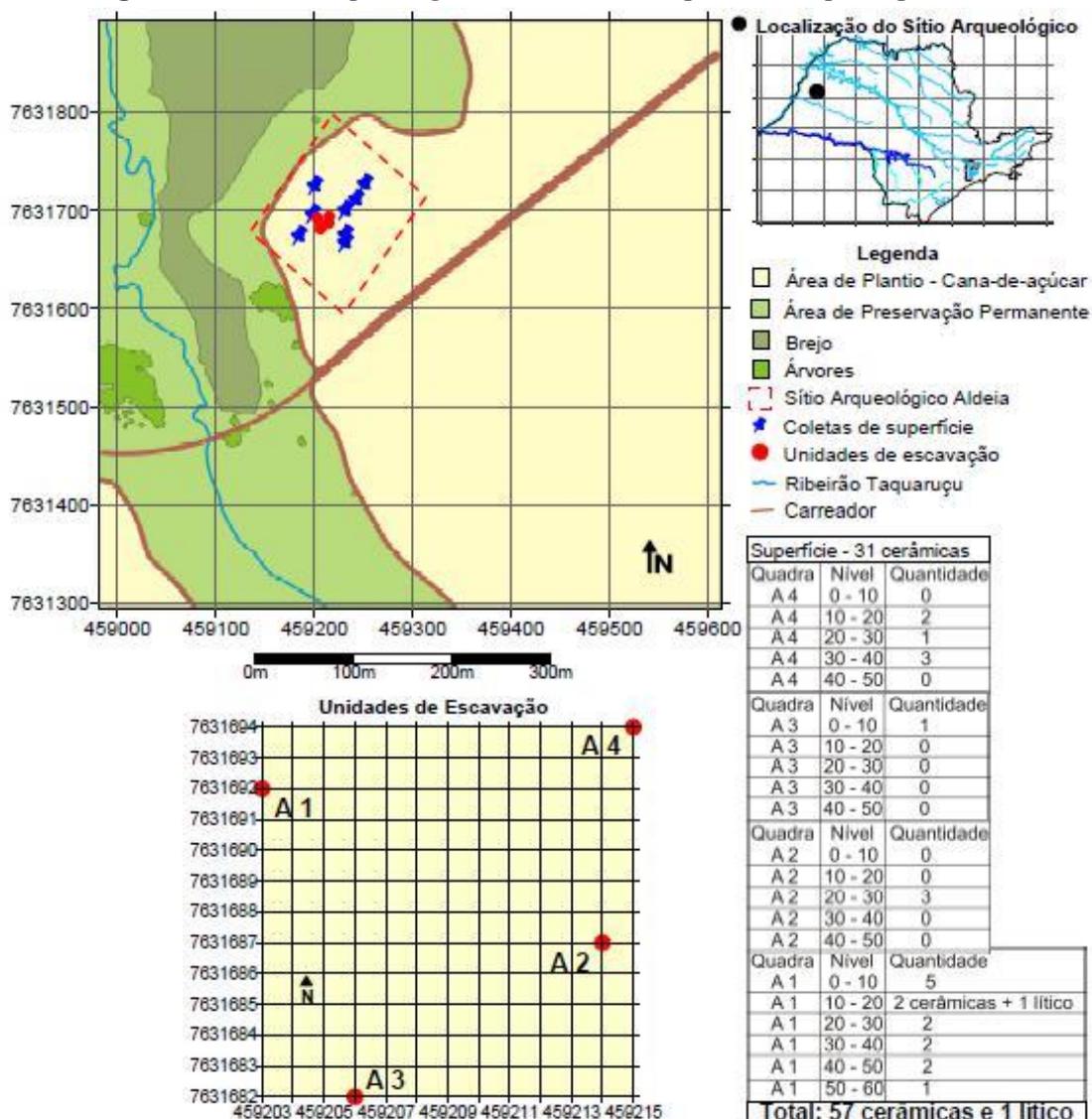
Foto 8: Caminhamento sistemático da equipe de campo na área do Sítio Arqueológico Aldeia I



Fonte: Faccio et al (2013).

O sítio arqueológico apresenta extensão de 150 x 100 m (15.000 m²) e baixa densidade de artefatos. Os vestígios foram encontrados na área de plantio de cana-de-açúcar, sendo que 31 peças estavam em superfície. Junto as cerâmicas encontrou-se um artefato lítico como podemos observar na **Figura 11**.

Figura 11: Sítio Arqueológico Aldeia, Município de Junqueirópolis, SP



Fonte: Faccio et al (2013).

Foram encontrados 31 fragmentos de cerâmica em superfície e 24 em profundidade, sendo que seis fragmentos foram encontrados no nível de 0 a 10 centímetros, quatro fragmentos no nível de 10 a 20 centímetros, seis de 20 a 30, cinco fragmentos no nível de 30 a 40, dois fragmentos de 40 a 50 e um fragmento no nível de 50 a 60. Fato este que permite-nos classificar o sítio arqueológico analisado como sítio de superfície, quanto ao contexto

deposicional dos materiais arqueológicos e a céu aberto devido ao contexto de exposição dos mesmos.

Todos os fragmentos encontram-se altamente danificados, devido à movimentação tanto vertical, quanto horizontal das cerâmicas, pelo uso do subsolador para movimentação do solo, que atinge até 7 centímetros de profundidade, característica essa que é realidade da maioria dos sítios arqueológicos evidenciados com a prática da arqueologia preventiva.

Para as análises dos materiais arqueológicos cerâmicos, foram utilizados 38 fragmentos sendo que os demais constituem-se como fragmentos muito pequenos proveniente da quebra das cerâmicas ao longo do tempo.

3.3. Análise e Interpretação dos Vestígios Arqueológicos do Sítio Aldeia I

Analisamos os vestígios arqueológicos do Sítio Aldeia I, a fim de conhecer a cerâmica nos seus aspectos tecnopológicos e assim poder associá-la ou diferenciá-la das cerâmicas Guarani encontradas em outros sítios arqueológicos Guarani do Oeste Paulista.

Buscamos em nossas análises compreender a funcionalidade do artefato, que nos revela a intenção do (a) artesão (ã) na produção daquela peça, isto foi feito considerando os elementos: antiplástico, pasta, classe do fragmento, espessura, queima, tratamento de superfície e decoração. Trata-se de uma análise estrutural como proposto por La Salvia e Brochado (1989), “onde as partes dos componentes do todo são estudadas e integradas de forma tal que um conjunto maior se apresente e que o universo da cultura surja de forma mais consistente”.

Revela-se como uma análise de observação e forma de desenvolvimento analítico através de uma visão morfológica, que descreve o que se vê, mas que busca a razão do porque se faz (LA SALVIA; BROCHADO, 1989), ou seja, buscamos compreender por meio dos elementos analisados em cada vestígio, a funcionalidade, visto que os vestígios analisados são o fim de um comportamento cultural, afinal representam a existência de uma população indígena, que produzia cerâmica para suprir as necessidades desta população.

Neste sentido, constata-se que o registro arqueológico apresenta em si um processo produtivo, baseado em uma necessidade. Como afirma La Salvia e Brochado (1989),

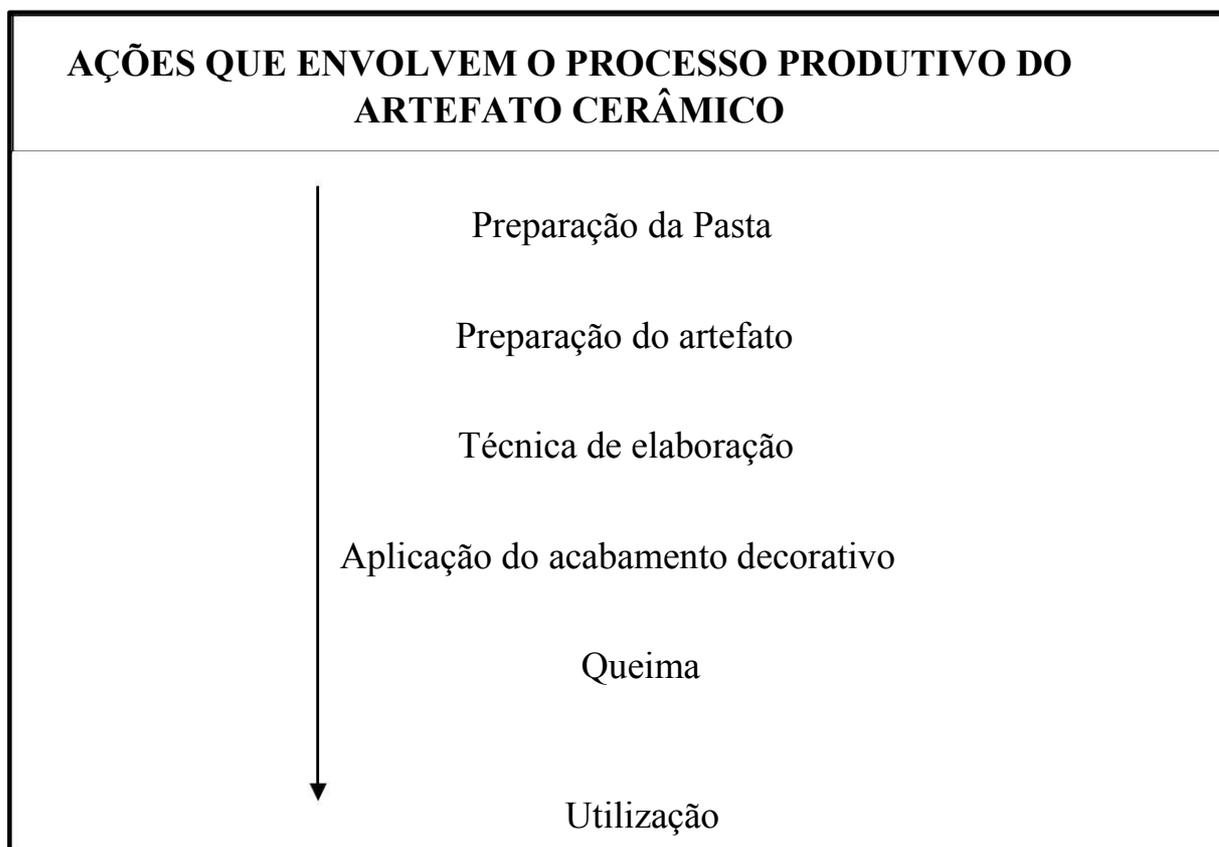
[...] o princípio de nosso trabalho é o fim de um comportamento cultural. O registro arqueológico é a constatação da existência de um remanescente cultural representado por fragmentos abandonados ou vasilhas inteiras intencionalmente dispostas dentro de um cerimonial. (LA SALVIA; BROCHADO, 1989 p. 10).

O processo produtivo varia de acordo com a intenção de cada artesão. Como afirma Brochado e La Salvia (1989) “o processo é um complexo de ações que seguem um conjunto desde a base até a borda, onde não só a construção, mas os tipos de acabamentos são e serão desenvolvidos”.

De acordo com La Salvia e Brochado (1989), o processo produtivo conta com seis principais ações, sendo preparação da pasta, preparação do artefato, técnica de elaboração, aplicação do acabamento decorativo, queima e por fim utilização. Essas seis principais ações

possuem em si particularidades que serão escolhidas pelo artesão de acordo com seu objetivo de produção (**Figura 12**).

Figura 12: Ações do processo de produção dos artefatos cerâmicos



Fonte: La Salvia e Brochado (1989). Elaborado pela autora (2018)

O modo de produção, também chamado como técnica de elaboração, praticado pelos indígenas Guarani é o acordelado, ação de fabricação de vasilhas a partir da sobreposição de roletes de argila.

Essa argila é escolhida pelo artesão de acordo com a sua intenção. Podemos identificar nesta argila o que chamamos de antiplástico, elemento que pode ser adicionado ou pré-existir, dentro da argila, que diminui a plasticidade desta (LA SALVIA; BROCHADO, 1989).

A associação entre argila e antiplástico é o que definimos como pasta. Como La Salvia e Brochado (1989) esclarecem, a pasta trata-se de elemento importante na definição do modo de produção, utilização e acabamento.

Esta pasta pode ser preparada pelo artesão (ã) com intencionalidade diferente para os roletes destinados à fabricação do artefato ou para aplicação na face externa da peça (barbotina).

Analisamos o processo produtivo dos artefatos do Sítio Aldeia I em duas partes, uma primeira que corresponde aos elementos referentes a pasta (antiplástico, classificação da pasta, e espessura) e uma segunda que se dirige aos elementos do acabamento superficial (tratamento de superfície e decoração). A queima e a classe do fragmento seguirão no final para uma análise integrada com a conclusão das interpretações obtidas.

Para isso, analisamos 38 fragmentos cerâmicos, sendo que os demais constituem-se como fragmentos muito pequenos provenientes da quebra das cerâmicas ao longo do tempo.

Como exposto, o antiplástico é o elemento que interfere na plasticidade da pasta; em maior quantidade diminui a plasticidade. Faccio (1998) explica,

[...] o antiplástico é utilizado para neutralizar a plasticidade da argila, dar condições para boa secagem e queima, aumentar ou diminuir a resistência do choque térmico ou mecânico, diminuir ou aumentar a porosidade e permeabilidade. (FACCIO, 1998, p. 134)

Notamos na cerâmica do Sítio Aldeia I, que a presença de mineral junto com o caco moído foi encontrado em 53% dos fragmentos, já o mineral foi encontrado em 47% das peças (**Tabela 8**). Fato que indica preferência por potes mais consistentes, já que o antiplástico caco moído diminui a plasticidade da argila, possibilitando a confecção de vasilhas maiores, com maior resistência para o cozimento de grãos.

Tabela 8: Tipo de antiplástico dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia.

Tipo Antiplástico	Quantidade	Frequência
Mineral	18	47%
Mineral e Caco Moído	20	53%
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

A classificação da pasta toma por base a delimitação sugerida por Brochado e La Salvia (1989), que apresenta em sua estrutura cinco tipos de pasta, dura (com presença mínima de

argila e muito antiplástico), seca (predomínio de antiplástico, mas com representatividade de argila), mediamente plástica (representatividade igual entre os dois elementos), plástica (apresenta um aumento de argila e uma diminuição do antiplástico) e por fim a muito plástica (não existe praticamente o antiplástico).

Na classificação dos fragmentos do Sítio Aldeia I dimensionamos três categorias de pasta: a dura, a intermediária e a plástica. Nota-se que 47% dos fragmentos apresentam-se com pasta plástica, 39% intermediária e apenas 13% dura (**Tabela 9**).

Nesta observação, destaca-se que os fragmentos que apresentaram como pasta dura são aqueles que apresentam uma alta quantidade de antiplástico, sendo quatro deles mineral associado ao caco moído e um apenas mineral.

Tabela 9: Classificação da pasta nos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia.

Pasta	Quantidade	Frequência
Dura	5	13%
Intermediária	15	39%
Plástica	18	47%
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

Os fragmentos apresentaram em 47% dos casos, espessura entre 1 e 2 cm, seguidos por 39% que apresentaram espessura menor que 1 cm e 13% que apresentaram espessura maior que 2 cm (**Tabela 10**). Analisando esta categoria observamos que os fragmentos mais espessos são os identificados com pasta dura. Aparentam ser de vasilhas de porte grande e quatro deles possuem antiplástico o mineral associado ao caco moído, o que diminui a plasticidade e garante mais consistência.

Tabela 10: Variação da espessura dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I

Espessura	Quantidade	Frequência
Menor que 1 cm	15	39%
Entre 1 e 2 cm	18	47%
Maior que 2 cm	5	13%
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

Para avaliar o acabamento superficial avaliamos na análise o tratamento de superfície e a decoração tanto externa quanto interna do artefato.

Como La Salvia e Brochado (1989) afirmam, o acabamento tanto pode ser de intenção utilitária quanto para simples acabamento. Foram identificados em 84% dos fragmentos o alisamento na face interna e na face externa, seguido por 11% de alisamento de superfície da face interna sem alisamento externo, por fim 3% apresentam alisamento de superfície na face externa sem alisamento interno e 3% dos casos não foi possível identificar o tratamento de superfície (**Tabela 11**).

Tabela 11: Tipos de tratamento de superfície identificado nos fragmentos de cerâmica do Sítio Arqueológico Aldeia I.

Tratamento de Superfície	Quantidade	Frequência
Alisamento Externo s/ Alisamento Interno	1	3%
Alisamento Interno e Externo	32	84%
Alisamento Interno e s/ alisamento Externo	4	11%
Não Identificado	1	3%
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

Os tipos de decoração presentes no sítio em tela corresponderam em 89% dos casos ao liso na face interna e liso na externa. Apenas 5% dos fragmentos apresentaram pintura na face externa. No restante dos casos não foi possível identificar a decoração da face interna, sendo a externa lisa (**Tabela 12**).

Para a avaliação da queima nos fragmentos, recorremos aos seis tipos de queima propostos por Faccio (1992): queima 1, com cor apresenta-se uniforme variando do laranja-tijolo ao amarelo; queima 2, de cor uniforme variando do cinza-claro ao pardo; queima 3, com núcleo central escuro com uma camada interna e uma externa clara; queima 4, de cor uniforme variando do cinza escuro ao preto; queima 5 com camada clara na parte externa e uma camada escura na interna e por fim queima 6 que apresenta camada clara na parte interna e uma camada escura na externa.

Tabela 12: Tipos de decoração identificada nos fragmentos de cerâmica do Sítio Arqueológico Aldeia I.

Tipo de decoração	Quantidade	Frequência
Liso na face interna e externa	34	89%
Liso na face interna e pintado na face externa	2	5%
Não identificado na face interna e liso na face externa	2	5%
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

Faccio (1998) explica,

[...] a cor é elemento que permite definir o tipo de queima. As diferenças na cor indicam diferentes condições de duração da queima, ventilação e temperatura. A presença de núcleo com cor variando do laranja ao amarelo indicam boa queima, com ventilação suficiente para ocasionar a oxidação da argila. A presença de tons que variam do cinza ao preto indicam uma queima incompleta em baixa temperatura e tempo insuficiente para expelir toda a matéria carbonária da argila. (FACCIO, 1998, p. 135)

Foram identificados nos vestígios analisados os cinco primeiros tipos de queima, sendo que nenhum fragmento apresentou a queima 6. Observa-se maior ocorrência da queima 4, com 79%, seguida da queima 1 e 2, com 8% cada e queima 3 e 5 com 3% cada. Dentre os fragmentos de queima 4, 50% foram classificados com pasta plástica, 33% intermediária e 17% dura.

As frequências de ocorrência da queima nos vestígios analisados seguem registrados na **Tabela 13.**

Tabela 13: Variação da queima nos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I

Queima	Quantidade	Frequência
Cor uniforme variando do laranja-tijolo ao amarelo	3	8%
Cor uniforme variando do cinza-claro ao pardo	3	8%
Núcleo central escuro com uma camada interna e uma externa clara	1	3%
Cor uniforme variando do cinza escuro ao preto	30	79%
Camada clara na parte externa e uma camada escura na interna	1	3%
Camada clara na parte interna e uma camada escura na externa	-	-
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

No sítio em tela os fragmentos representaram a configuração de classes, conforme mostra a **Tabela 14**.

Tabela 14: Classe dos fragmentos cerâmicos do Sítio Arqueológico Aldeia I.

Classe	Quantidade	Frequência
Base	4	11%
Borda	4	11%
Borda com suporte para tampa	1	3%
Parede	29	76%
Total	38	100%

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

Observa-se o predomínio de fragmentos de parede, representando 76% da coleção, seguido por 11% de base, 11% de borda e 3% borda com suporte para tampa (**Prancha 1**).

Um dos fragmentos de borda apresentou lábio com pintura vermelha (**Prancha 2**).

Prancha 1

Fragmento de borda com suporte para tampa.



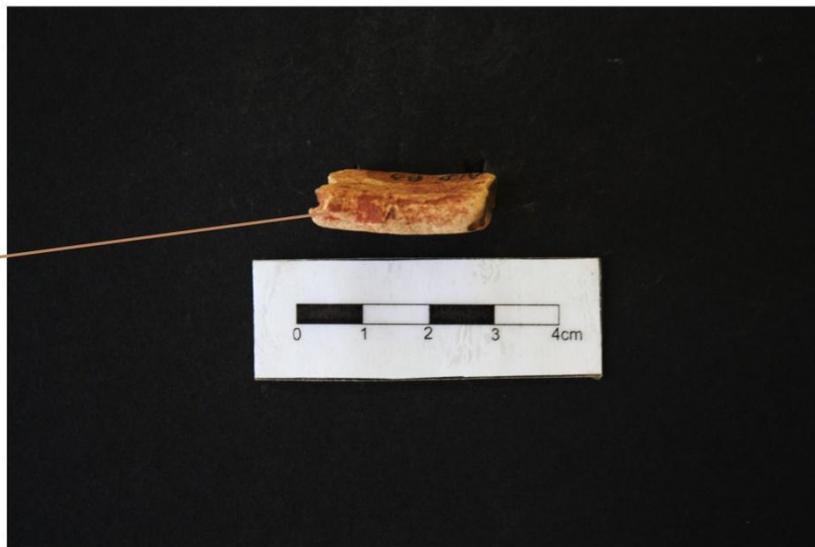
Borda com suporte para tampa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 2

Fragmento de borda com pintura no lábio.



Face externa

Lábio com pintura vermelha

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Identificaram-se no decorrer da análise sete conjuntos de fragmentos, sendo que seis demonstraram a possibilidade de encaixe, confirmando a classe dos fragmentos. (**Tabela 15**).

Tabela 15: Relação de agrupamento dos fragmentos do Sítio Aldeia I

Conjunto	Quantidade de Peças
1	2
2	2
3	4
4	2
5	3
6	2
7	2

Fonte: Elaboração: a autora (2016).

O conjunto 1, apresentou duas peças e encaixe direto (**Prancha 3**), trata-se de uma parede de um vaso.

O conjunto 2, também apresentou encaixe direto de duas peças, sendo uma borda e uma parede (**Prancha 4**).

O conjunto 3, de quatro fragmentos, apresentou encaixe direto e foi definido como base, este conjunto apresenta os fragmentos mais espessos (**Prancha 5**).

O conjunto 4, apresentado na **Prancha 6**, possui encaixe direto e foi classificado como parede.

O conjunto 5, apresentou encaixe direto de três fragmentos e caracteriza-se como parede (**Prancha 7**).

O conjunto 6, com encaixe direto e dois fragmentos, apresentou características de parede (**Prancha 8**).

A **Prancha 9**, apresenta o conjunto 7, constituído por dois fragmentos que apresentaram as mesmas características, mas não foi possível encaixá-los.

A análise possibilitou conhecer a cerâmica nos seus aspectos tecnotipológicos, as associando às cerâmicas da Tradição arqueológica Tupiguarani (Atributo tradição exigido pela classificação no registro do cadastro nacional do IPHAN).

Trata-se de registros arqueológicos altamente destruídos em decorrência do uso de maquinários para manejo do solo na área onde estavam localizados. Em consequência destes fatores as peças se encontram desgastadas e muito fragmentadas, o que dificultou a reconstituição de motivos e de formas de vasilhas a partir das bordas.

Diante do exposto, quando voltamo-nos a classificar o sítio a partir das colocações atribuídas pelo IPHAN, podemos indicar que este sítio configura-se como de superfície, a céu aberto, associado a tradição arqueológica Tupiguarani. Quanto à categoria, não podemos associar diretamente à pré-colonial ou de contato, por não contarmos com uma datação para o sítio. Como salientado, o sítio arqueológico pode remeter-se à um acampamento sazonal.

Quanto à integridade, concebemos que o contexto arqueológico está alterado devido as práticas agrícolas na área, logo seria classificável com o nível menor de 25%. No entanto a noção de destruição, que embasa essa discussão, tem que ser relativizada, para Araujo (2001/2002) essa é uma noção a ser debatida pois fundamenta a valorização de sítios arqueológicos considerados como conservados, em detrimento a sítios arqueológicos que possuem seu contexto arqueológico alterado.

Por isso, propõe três contra sentidos, em relação ao senso comum que envolve concepções usuais nos estudos arqueológicos, a respeito de sítios “destruídos”. São eles:

- Quebra da noção de que existem sítios "intactos", visto que essa concepção deriva a existência de uma elite de "sítios intactos" pressupondo a existência de sítios de segunda classe, isso permite que métodos sejam afrouxados sem que o pesquisador se sinta constrangido (ARAUJO, 2001/2002);
- Libertação da noção da escavação como legitimação da prática arqueológica, pois estudos recentes “já demonstraram que sítios de superfície sujeitos à aradura podem fornecer dados da mais alta qualidade, em muitos casos sem necessidade de escavações” (ARAUJO, 2001/2002, p. 10);
- Consideração do princípio de funcionamento do arado e outros implementos agrícolas correlatos que objetivam basicamente em revolver a terra, ao invés de transportá-la, assim existe uma movimentação vertical, aliada a uma movimentação horizontal de pouca expressão (ARAUJO, 2001/2002).

Prancha 3

Conjunto de 2 fragmentos de parede.



Face externa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 4

Conjunto de 2 fragmentos, borda e parede.



Face externa com pintura

Face interna com decoração lisa

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 5

Conjunto de 4 fragmentos, base.



Face externa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 6

Prancha 4. Conjunto de 2 fragmentos de parede.



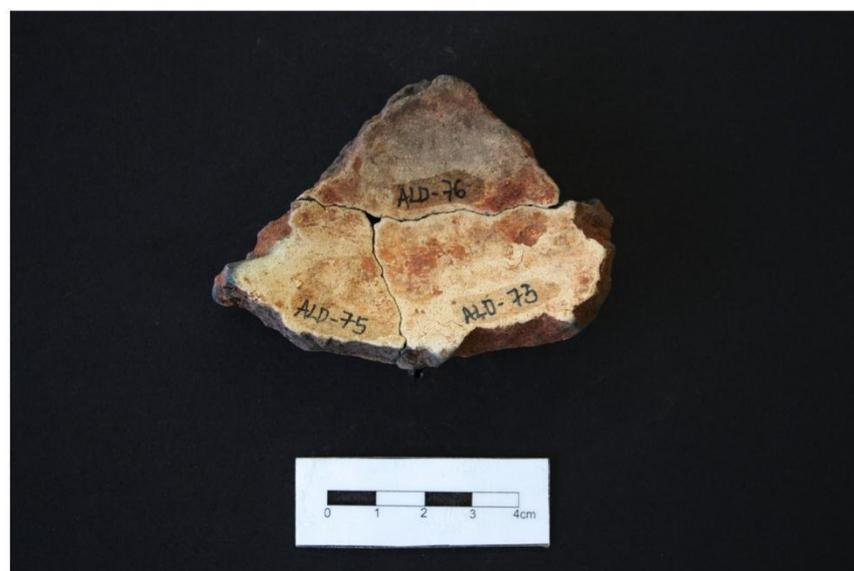
Face externa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 7

Conjunto de 3 fragmentos de parede.



Face externa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 8

Conjunto de 2 fragmentos de parede.



Face externa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Prancha 9

Conjunto sem encaixe de 2 fragmentos de parede.



Face externa

Face interna

ANÁLISE DOS MATERIAIS CERÂMICOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO ALDEIA, JUNQUEIRÓPOLIS, SP.
Diana Mirela da Silva Toso

Nesse sentido Araujo (2001/2002), demonstra a fragilidade do conceito de “destruição” e aponta a necessidade de explicações de paradigmas que direcionem coleta de dados, extraindo todo o potencial de cada sítio estudado.

Assim, defendemos e ressaltamos que sítios arqueológicos como o Sítio Arqueológico Aldeia I, constituem-se de valor e relevância alto, e precisam ser objeto de constantes pesquisas para que compreendamos a complexidade dos assentamentos humanos pretéritos e a inter-relação entre eles.

Estudos desse caráter associados as práticas de Educação Patrimonial, subsidiam a aproximação de nossas gerações ao passado que nos sustenta, sensibiliza-nos com a valorização do patrimônio e nos permite a quebra de preconceitos e visões simplistas que julgam e avaliam a organização social das populações ameríndias que povoavam o território Brasileiro.

Dessa maneira, apresentamos o capítulo a seguir, com os pressupostos do IPHAN, bem como as práticas realizadas pelo Laboratório de Arqueologia Guarani voltados a Educação Patrimonial, como um mecanismo de aproximar a comunidade ao conhecimento adquirido nas pesquisas desenvolvidas no campo do Patrimônio Arqueológico.

Desde a criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), nota-se a preocupação em ações educativas para promoção da preservação do Patrimônio Cultural. Mario de Andrade e Rodrigo Melo Franco de Andrade, são nomes que defendiam tal importância.

Mario de Andrade, no anteprojeto da criação do SPHAN (Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), destacava a importância do caráter pedagógico estratégico dos museus e das imagens. Em 1936, Mario de Andrade e Gustavo Capanema criaram o SPHAN, mostrando interesse em promover ações educativas em museus.

Entre o ano de 1937 e 1967, deu-se a criação do IPHAN. Nesta fase dedicava-se a criação de museus e ao incentivo a exposições (IPHAN, 2014).

A partir da década de 1970 a importância da educação na preservação do Patrimônio Cultural, passa a ser abordada de forma mais insistente com o Centro Nacional de Referência Cultural (CNRC), que iniciou suas atividades em 1975, sob o comando de Aloísio Magalhães. Essa fase foi marcada pela atualização da discussão da preservação e ampliação da concepção de patrimônio.

Em 1981, temos a criação do Projeto Interação, que visava a criação e o fortalecimento de condições para o trabalho educacional basear-se na dinâmica cultural, validando a pluralidade e a diversidade cultural brasileira. Assim este projeto,

contestava a uniformidade e homogeneização em favor do reconhecimento das diferenças culturais e defendia uma metodologia de trabalho baseada na observação direta e no acompanhamento técnico periódico das experiências educacionais desenvolvidas. (IPHAN, 2014, p. 11).

A incorporação do termo Educação Patrimonial no Brasil, partiu do 1º Seminário sobre o Uso Educacional de Museus e Monumentos, realizado em 1983. No ano de 1996, Maria de Lourdes Parreiras Horta, Evelina Grunberg e Adriana Queiroz Monteiro lançaram o Guia Básico de Educação, sendo este o principal material de apoio para ações educativas realizadas pelo IPHAN durante a década passada. Consideravam a Educação Patrimonial como um “processo permanente e sistemático”, centrado no “Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo” (IPHAN, 2014).

No ano 2000, foi instituído o Programa Nacional de Patrimônio Imaterial, que continuamente implementa políticas públicas voltadas para o reconhecimento, valorização e apoio sustentável aos chamados bens culturais de natureza imaterial.

Em 2004, cria-se a Gerência de Educação Patrimonial e Projetos (GEDUC), que se direcionou à Educação Patrimonial, em decorrência da necessidade de uma sistematização das ações educativas no âmbito das políticas de preservação, tornando-se uma área específica voltada para as ações educativas ligadas à preservação do Patrimônio Cultural brasileiro (IPHAN, 2014).

A partir da consolidação e do adensamento institucional com inúmeras iniciativas executadas pelas superintendências e instituições ligadas ao IPHAN, eventos foram realizados com o objetivo de construir coletivamente parâmetros de atuação, marcos conceituais, instrumentos legais e parcerias na área de Educação Patrimonial (IPHAN, 2014), como o I Encontro Nacional de Educação Patrimonial, realizado em 2005, com o propósito de discutir e propor parâmetros nacionais para ações de Educação Patrimonial do IPHAN em escolas, museus e outros espaços sociais; a oficina de Capacitação em Educação Patrimonial e Fomento a Projetos Culturais, em 2008; o I Seminário de Avaliação e Planejamento das Casas do Patrimônio no ano de 2009; o II Encontro Nacional de Educação Patrimonial, em 2011 e a realização do Encontro ProExt: Extensão Universitária na Preservação do Patrimônio Cultural, práticas e Reflexões, em 2013.

Decorrido deste processo, a CEDUC defende que a Educação Patrimonial é constituída por todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural apropriado socialmente como recurso para a compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações (IPHAN, 2014), contribuindo para seu reconhecimento, sua valorização e preservação.

Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, decorrendo de um longo processo de debates institucionais, aprofundamentos teóricos e avaliações das práticas educativas voltadas à preservação do Patrimônio Cultural e, ao mesmo tempo, amparando-se também em premissas conceituais.

O IPHAN (2014), destaca a fundamental participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas, contribuindo para que os vínculos das comunidades com seu patrimônio cultural sejam fortalecidos.

Apoiando-se na obra *Pensamento e Linguagem* (1998) de Vygotsky, o IPHAN considera mediação como um processo de desenvolvimento e de aprendizagem, moldado pelo contexto em que o indivíduo está inserido, ou seja, a incorporação da cultura, o domínio de modos culturais de agir e pensar, de se relacionar com os outros e consigo mesmo produzidos social e historicamente, por meio da interação social, com a participação de signos e instrumentos mediam a aprendizagem (IPHAN, 2014).

Sendo assim a Educação Patrimonial considerada como um processo de mediação, por meio de signos e instrumentos, somados a interação entre os indivíduos participantes contribuem para a interação entre o Patrimônio Cultural e o indivíduo, considerando que a partir da Educação Patrimonial, novos pensamentos foram instigados e a percepção do significado do Patrimônio Cultural foi estimulada.

Desta maneira, projetos e encontros, materiais de apoio, cadernos temáticos, publicações resultantes de oficinas compõem partes de processos educativos que compõem a Educação Patrimonial.

4.1 Práticas e Ações

Com a colaboração do Laboratório de Arqueologia Guarani (LAG), coordenado pela Profª. Neide Barrocá Faccio, desenvolvemos ações educativas que envolvem a Educação Patrimonial, como um processo de mediação para estimular o conhecimento e a valorização do Patrimônio Arqueológico, objeto de estudo do laboratório.

Uma das práticas desenvolvidas é a Oficina de Educação Patrimonial, na qual apresentamos o funcionamento do laboratório, o Museu de Arqueologia Regional “José Luiz de Moraes”, desenvolvemos a pintura em potinhos (réplica de cambuchi) e a oficina de lascamento.

Na primeira etapa aplicamos uma roda de conversa, na qual explicamos com o auxílio de slides a profissão do arqueólogo, os objetos de estudo da Arqueologia e os trabalhos do laboratório (**Fotos 9 e 10**).

Na segunda etapa apresentamos a oficina de pintura em potinhos cerâmicos, que tem por objetivo revelar práticas de pintura em vasilhas cerâmicas encontradas em sítios arqueológicos de índios guaranis. Explica-se o processo de produção da cerâmica, enfatizando a etapa de decoração, na qual apresentamos exemplos de motivos identificados nas cerâmicas encontradas nos Sítios Arqueológicos localizados no município de Iepê, SP (**Figura 13**).

Foto 9: 1ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016.



Fonte: Queiroz Jr. (2016).

Foto 10: 1ª Etapa da Educação Patrimonial aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016.



Fonte: Queiroz Jr. (2016).

Figura 13: Motivos mínimos da cerâmica guarani dos Sítios Arqueológicos Pernilongo, Aguinha e Lagoa Seca, Iepê, SP



Fonte: Faccio (2011).

Esta oficina apoia-se na demonstração das técnicas decorativas praticadas por estes indígenas, desenhando motivos (grafismos aplicados na cerâmica pelos índios Guarani desenhos encontrados nas cerâmicas guaranis) em potinhos de cerâmica que disponibilizamos durante a oficina (**Fotos 11, 12, 13 e 14**).

Fotos 11: 2ª Etapa da **Educação Patrimonial** aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016.



Fonte: Toso (2016).

Foto 12: 2ª Etapa da **Educação Patrimonial** aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016.



Fonte: Toso (2016).

Foto 13: 2ª Etapa da **Educação Patrimonial** aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016



Fonte: Toso (2016).

Foto 14: 2ª Etapa da **Educação Patrimonial** aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016



Fonte: Toso (2016).

Na terceira etapa recebemos visitantes e os participantes da oficina no Museu de Arqueologia Regional “José Luiz de Moraes”, no qual explicamos a importância da valorização do Patrimônio Cultural, evidenciando a relevância dos estudos arqueológicos pré-

colonial para incorporar a discussão sobre os povos indígenas brasileiros, que foram dizimados e não puderam contar suas histórias (**Fotos 15 e 16**).

Fotos 15: 3ª Etapa da **Educação Patrimonial** aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016



Fonte: Queiroz Jr. (2016).

Foto 16: 3ª Etapa da **Educação Patrimonial** aplicada na feira de profissões do Cursinho Ideal da UNESP no núcleo Morumbi em Presidente Prudente, SP, no dia 27 de agosto de 2016



Fonte: Queiroz Jr. (2016).

Neste sentido buscamos durante a Educação Patrimonial mediar o conhecimento da cultura de indígena brasileira que é esquecido nos livros didáticos e pouco lembrado no nosso dia-a-dia.

Reafirmamos desta maneira, a importância da realização da pesquisa acadêmica nesta área integrada a extensão, que por sua vez viabiliza a chegada do conhecimento adquirido nas pesquisas à comunidade, contribuindo para que esta valorize o Patrimônio Cultural existente na região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos voltados ao entendimento das populações ameríndias do passado desmembram-se em diferentes frentes, dentro de diversas ciências como a Arqueologia, a Geografia, a Física, a Biologia, a História e a Antropologia.

A Arqueologia enquanto Ciência Social, em seus estudos apoia-se na cultura material dos grupos sociais, que pode ser definida como um testemunho de hábitos e práticas dos grupos humanos em seus contextos de interação.

A Ciência Arqueológica tem como objeto primário a cultura material, sendo esse o indicativo das relações sociais nas quais foram produzidas e apropriadas. Estudos dos artefatos lidam com a investigação de algumas questões: – Para que foi produzido? – Como foi produzido? –Quais matérias-primas foram utilizadas? – Considerando que possui uma funcionalidade específica, induz a quais ações? Essas questões básicas promovem a interpretação de materiais e produzem informações sobre o patrimônio arqueológico da área do sítio (FUNARI, 2003).

Kashimoto (1992), por exemplo, explica que o todo arqueológico pode ser compreendido por diferentes especialidades interdisciplinares. Entre elas podemos citar a Zooarqueologia, a Bioarqueologia, a Geoarqueologia, a análise tecnotipológica e os estudos regionais. Para a autora todos complementam-se e permitem a aproximação do todo arqueológico.

Cada análise, seja ela voltada aos materiais arqueológicos, seja voltada à compreensão da dinâmica da paisagem, ou ao debate regional, possui sua contribuição para o entendimento de elementos referentes às populações ameríndias do passado, suas relações com o ambiente e suas práticas culturais.

Estudar sítios arqueológicos de pequeno porte e de superfície, nesse cenário, constitui-se nos últimos anos, prática cada vez mais evidente, diante do crescente conhecimento dos mesmos pela prática da Arqueologia Preventiva, tendo o debate multidisciplinar muito a contribuir com as questões do passado.

Os estudos sobre o paleoambiente, em diferentes recortes temporais, que tem como objeto de estudo os indicadores que, segundo Rasbold (2011), são registros fósseis ou pseudo fósseis, como os palinomorfos e outros indicadores “*proxy*”, são exemplos para evidenciar caminhos de discussão para aprofundamento do conhecimento das populações ameríndias, visto que, conhecendo os elementos da

natureza que constituíram a paisagem pretérita, é possível identificar aqueles úteis para o homem, contribuindo de maneira efetiva para o conhecimento das relações que estes grupos estabeleceram com o ambiente.

Coe (2017b), por exemplo, volta-se à caracterização de fitólitos das camadas estratigráficas do Sambaqui da Tarioba (Rio das Ostras, RJ), para contribuir com o reconhecimento da vegetação presente na ocupação das populações sambaquieiras. Da mesma forma, Prous (1991, p. 39) explica, que “os homens pré-históricos dependiam extremamente das condições geográficas em relação a suas andanças, a seu tipo de alimentação e a fabricação dos instrumentos necessários à sua sobrevivência” (PROUS, 1991, p. 39). Acrescentou ainda que, como consequência, em cada região, os grupos humanos, pertencendo a uma mesma tradição cultural, têm de adaptar-se às condições locais diversas. No entanto, etnias diferentes, encontrando-se em meio ambiente semelhante, terão grande possibilidade de apresentar respostas culturais convergentes (PROUS, 1991).

Diante dessas considerações, Prous (1991) relatou a importância de se conhecer o contexto que envolvia essas populações:

É muito importante o conhecimento do contexto (paleoecológico) dos homens pré-históricos para interpretar as semelhanças (resultado de difusão, ou de adaptação?) e as diferenças (de origem cultural, ou resultantes das imposições da natureza local?) constatadas. Esse conhecimento toma-se particularmente difícil pelo fato de as condições naturais serem ligadas tanto ao clima quanto a geologia, com consequências sobre a vegetação e fauna, a topografia e hidrografia, etc. E, pior ainda, os climas evoluem provocando alterações nos outros fatores. (PROUS, 1991, p. 36).

Quando Prous (1991) explica que o estudo desse contexto seria difícil, por existir uma relação entre as condições naturais que implicavam consequências sobre a vegetação, fauna, flora e hidrografia, destacando, por exemplo, alguns dos elementos que compõem as dinâmicas que resultam na formação das paisagens (PROUS, 1991).

Geógrafos e geógrafas, como Aziz Ab’Saber e Helena Coe são exemplos de pesquisadores que voltaram-se por meio da ciência geográfica para o conhecimento do ambiente do passado, suas dinâmicas e suas relações com as populações ameríndias, por meio de indicadores que compreendem a paisagem atual.

Compreendendo como aspectos da paisagem atual constituem-se como relictos da paisagem do passado, como indicam mudanças climáticas (Ab' Saber, 2003) ou indicadores *proxy* no solo, que podem contribuir com as análises dos processos ambientais que caracterizaram a vegetação e a fauna junto as ocupações ameríndias (Coe, 2017b).

É assim, que o todo arqueológico pode ser debatido multidisciplinarmente. São inúmeras e mutuas as contribuições das diversas ciências. A paisagem, herança herdada constitui-se como uma dimensão a ser investigada em diferentes frentes, abordagens e temáticas, mas que complementam-se e integram a realidade.

Diante do exposto, no nosso estudo buscamos por meio da contribuição do conhecimento geográfico, bem como da ciência arqueológica entender as condições atuais do Sítio Arqueológico Aldeia I.

Defendemos aqui, que os sítios de pequeno porte, apresentam valor para compreensão das populações ameríndias, principalmente quando debatemos os mesmos em escala regional, tendo em vista que colocamos em evidencia, mesmo com as inúmeras limitações, discussões acerca da dispersão, movimentação e mobilidade dessas populações pelo território.

Assim, este estudo apresenta informações para o acúmulo de conhecimento a respeito da dispersão desses sítios pelo território, para que possamos entender, quando analisados em escala regional, a distribuição destas populações pelo território brasileiro, rotas de migração e fronteiras culturais.

É efetiva a complexidade para o entendimento das diferentes relações desses povos entre si, bem como suas relações com o meio (suas práticas e organizações culturais, econômicas e políticas). Por isso, provocados, por Merlau-Ponty (1984) acreditamos que não podemos alcançar a total profundidade da realidade, mas apenas contorná-la e que a realidade que envolve o passado, mais do que qualquer outra dimensão passível de ser analisada, sempre deve ser acompanhada de uma grande dose de cuidado e atenção, mesmo que subsidiados pela multidisciplinaridade, que permite constante tensionamento com a complexidade das dinâmicas que compuseram e compõem a realidade.

A paisagem, como a concebemos teoricamente no trabalho em tela, rompe dicotomias para que possamos, no exercício da pesquisa, tentarmos nos aproximar dessa realidade.

Nesse sentido, um sítio arqueológico de pequeno ou grande porte, traz em si uma gama de variáveis capazes de compor uma narrativa coerente dos fatos passados e presente em sua inter-relação contínua e dialética, pois mesmo sobre forte impacto do agronegócio, do arado e do subsolador, artefatos resistem, deixam-se na paisagem como herança, bem como a fauna e flora, o solo, o caminho das águas, o relevo, os macro e micro vestígios paleoambientais faunísticos e florísticos.

Analisando os sítios arqueológicos com o viés da paisagem da Geografia Cultural, compreendemos a geograficidade remanescente nestes vestígios, o modo de vida. Sem deixar de lado, o presente: as formas imperiosas que a sociedade contemporânea vem soterrando o passado, se apropriando das narrativas e desvinculando o valor simbólico do solo pelo valor financeiro; ou como os Bio-indicadores, (vide exemplo das inúmeras florestas antrópicas que os povos tupi cultivam; das caças ancestrais dotadas de significação cosmológica e cosmogônica que ainda resistem as margens dos rios e afluentes, como o último representante da megafauna brasileira: antas – tapirus indicus); os geo-indicadores (com as melhores opções de solo argiloso para o trabalho em barro), os rios para a pesca e os interflúvios para caça, configuram-se atualmente na paisagem.

Como no caso dos sítios de pequeno porte, a distância de cursos d'água, a disponibilidade de matéria-prima, a variabilidade e quantidade das peças influenciam na interpretação da funcionalidades desses sítios para as populações pretéritas.

Assim, acreditamos colaborar, com o registro desses bens. E por essa razão defendemos que o papel dos arqueólogos e geógrafos inclinados a temática do patrimônio deve ser o de defender por meio do registro e resgate, quaisquer que sejam os registros das ocupações humanas pretéritas a colonização em quaisquer condições, independente da noção de integridade, destruição e ou relevância imposta.

REFERÊNCIAS

- AB'SÁBER, A. N. **Os Domínios de Natureza no Brasil: Potencialidades Paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ARAUJO, A. G. M. **Destruído pelo arado? Arqueologia de superfície e as armadilhas do senso comum**. Revista de Arqueologia. v.14·15; nº 07·28, 2001/2002.
- BROCHADO, J. P. **A Expansão dos Tupi e da Cerâmica da Tradição Policrômica Amazônica**. Dédalo, S. Paulo, 27-65-82, 1989.
- BROCHADO et al, **Arqueologia Brasileira em 1968: Um relatório preliminar sobre o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas**. Conselho nacional de pesquisas; Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia; Museu Paranaense Emílio Goeldi. Pará, 1969.
- CLAVAL, Paul. A paisagem dos geógrafos. IN: ROSENDHAL, Z. CORRÊA, R. L. (Orgs). **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2004.
- COE, H. H. G. et al. **Dynamics of Production and Accumulation of Phytolith Assemblages in the Restinga of Marica, Rio De Janeiro, Brazil**. Quaternary International, v. 434, parte B, p. 58-69, abr. 2017a.
- COE, H. H. G. et al. Characterization of Phytoliths from the Stratigraphic Layers of the Sambaqui da Tarioba (Rio das Ostras, RJ, Brazil). **Rev. Flora**, v. 236–237, p.1–8, set. de 2017b.
- CORREA, R. L. ROSENDAHL, Z. Geografia: Introduzindo a Temática, os Textos e uma Agenda. In: CÔRREA, R. L. ROSENDAHL, Z. Org(s) **Introdução a Geografia Cultural**, p. 9-18, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 6ª ed. 2014.
- FACCIO, N. B. **Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. 1992. 154 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Ciências – Área de concentração: Arqueologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- FACCIO, N. B. **Arqueologia do cenário das ocupações horticultoras da Capivara, Baixo Paranapanema – SP**. Tese (Doutorado em arqueologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.
- FACCIO, N. B. **Arqueologia Guarani na Área do Projeto Paranapanema: estudo dos sítios de Iepê, SP**. V. I. Tese de Livre Docência – Museu de Arqueologia e Etnografia, Programa de Pós-Graduação em Arqueologia – Universidade de São Paulo, São Paulo 2011.

FACCIO, N. B. BARONE, L. A. CERDEIRA, G. L. **Os primeiros que chegaram: Introdução à arqueologia do estado de São Paulo.** Canal 6, Presidente Prudente: [s.n], 2014.

FACCIO et al. **Rio Vermelho Açúcar e Álcool s/a, Junqueirópolis/SP.** Relatório de Prospecção Arqueológica e Programa de Educação Patrimonial, 2013.

FUNARI, P. P. **Arqueologia.** Editora Contexto, São Paulo, 2003, 125 p.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL –IPHAN. **Educação Patrimonial: Histórico, conceitos e processos.** 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/publicacoes/lista?categoria=30&busca=>.

KASHIMOTO, E. M. **Geoarqueologia no Baixo Paranapanema: Uma Perspectiva Geográfica de Estabelecimentos Humanos Pré-Históricos.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia. USP, São Paulo, 1992.

LA SALVIA, F. E BROCHADO, J. P. **Cerâmica guarani.** Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

LATHRAP, D. **O Alto Amazonas.** Lisboa: Verbo, 1975

MERLEAU-PONTY, M. **O visível e o invisível.** São Paulo: Perspectiva, 1984b.

MORAIS, J. L. **A Ocupação do Espaço em Função do Relevo e o Aproveitamento das Reservas Petrográficas por Populações Pré-Históricas do Paranapanema, SP.** Coleção Museu Paulista, Série de arqueologia, v. 6. Editora do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da USP, São Paulo, 1979. 83p.

MORAIS, J.L. **A Utilização dos Afloramentos litológicos pelo Homem Pré-Histórico Brasileiro.** Coleção Museu Paulista, Série de Arqueologia, v. 7, Editora do Fundo de Pesquisas do Museu Paulista da USP, São Paulo, 1983. 212p.

MORAIS, J. L. Arqueologia da região Sudeste. **Revista USP**, São Paulo, n.44, p. 194-217, dez/fev. 1999/2000.

NOELLI, F. **Sem tekoá não há teko** (em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio do Delta Jacuí – RS). Dissertação (Mestrado em Arqueologia). Porto Alegre, PUCRS, 1993.

NOELLI, F. A Ocupação Humana na Região Sul do Brasil: Arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000. v. 44, p. 218-269. **Revista USP**, São Paulo, 1999-2000.

PALLESTRINI, L. O sítio arqueológico Jango Luís. **Revista do Museu Paulista.** v. 18, p. 26-56, São Paulo, 1968-1969.

PALLESTRINI, L.; MORAIS, J. L. Prassévichus, Aldeia Pré-Histórica no Município de Itaberá, SP. **Revista do Museu Paulista**, Nova Série-Volume XXIX: p. 151-161, 1983-

1984.

PEREIRA, D. L. **Arqueologia Guarani na bacia do Rio Santo Anastácio – SP:** Estudo do Sítio Célia Maria. Dissertação de mestrado (Mestrado em Arqueologia) - Museu Arq. Etn. USP, São Paulo, 2011.

PORTO, D. R. et al. Análise Morfotectônica da Bacia Hidrográfica do Rio Aguapeí, Planalto Ocidental Paulista, mediante Fluviomorfometria e Fotointerpretação. São Paulo, UNESP, **Geociências**, v. 32, n.2, p. 227-246, 2013.

PROUS, A. A natureza e o homem pré-histórico no Brasil. IN: PROUS, A **Arqueologia Brasileira**. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1991, p. 35- 50.

RASBOLD, G. G. et al Caracterização dos tipos morfológicos de fitólitos presentes em *Butia paraguayensis* (Barb. Rodr.) L. H. Bailey (Arecaceae) **IHERINGIA**, Sér. Bot., Porto Alegre, v. 66, n. 2, p. 265-270, dez. 2011. Disponível em <<https://isb.emnuvens.com.br/iheringia/article/view/55/62>> Acesso em 07 jan. 2018.

SAUER, C. O. Geografia Cultural, 1931. IN: CORRÊA, R. L. ROSENDHAL, Z. (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 6ª ed., 2014, p. 19-25.

SOARES, A. L. R. Arqueologia, História e Etnografia: O denominador Guarani. **Revista de Arqueologia**, n. 14-15: p. 97-114, 2001-2002.

SOARES, A. L. **Guarani:** organização social e Arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997.

WAGNER, P. L. MIKESELL, M. W. Os Temas da Geografia Cultural, 1962. In: CORRÊA, R. L. ROSENDHAL, Z. (Orgs). **Introdução à Geografia Cultural**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 6ª edição, 2014, p. 27-53.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARTÍSTICO NACIONAL. Lei nº3924 de 26 de julho de 1961. Dispõe sobre os Monumentos Arqueológicos e Pré-históricos.

CENTRO NACIONAL DE ARQUEOLOGIA – Instituto do Patrimônio Histórico Artístico Nacional (IPHAN), 2018. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/cna>>. Acesso em: 12 nov. 2018.

COMITÊ DAS BACIAS HIDROGRÁFICAS DOS RIOS AGUAPEÍ E PEIXE (CBH-AP). **Relatório Zero**. 1997. Disponível em: <http://cbhap.org/publicacoes/relatorioz/>. Acesso em: 20 out. 2018.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA) – **Povos indígenas do Brasil, Troncos e Famílias**, disponível em: <<https://pib.socioambiental.org/pt/c/no-brasil-atual/linguas/troncos-e-familias>> Acesso em: 15 jul. 2016.